

# RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Relatório de Pesquisa

The logo for IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) is located in the bottom right corner. It features the word "ipea" in a white, lowercase, sans-serif font. A yellow swoosh underline is positioned beneath the letters "i" and "e". The logo is set against a dark blue background with a decorative wavy pattern of thin, light blue lines that flows from the left side of the page towards the logo.

ipea

## **Equipe técnica**

### **Autores:**

Marco Antonio Carvalho Natalino  
Ricardo Gervasio Bastos Visser

### **Coordenação da Pesquisa:**

Jessé José Freire de Souza  
Marco Antonio Carvalho Natalino

### **Pesquisadores associados:**

Ricardo Gervasio Bastos Visser  
Emerson Ferreira Rocha  
Boike Rehbein  
Thomas Kühn  
Carlos Savio Gomes Teixeira  
Fernando Marcial Ricci Araújo  
Mariana Dutra de Oliveira Garcia  
Vitor Matheus Oliveira Menezes  
Marco Antonio Carvalho Natalino  
João Cláudio Basso Pompeu

### **Pesquisadores de campo:**

Andressa Lidicy Morais Lima  
Danilo Manoel Farias da Silva  
Alyson Thiago Fernandes Freire  
Alana Moraes de Souza  
Ana Rodrigues Cavalcanti Alves  
Arthur Oliveira Bueno  
Cristiane Moura Lopes  
Daniel Ramos da Silva  
Maria Isabel Macdowell Couto  
Rodrigo Campos Dilelio  
Alex Sander Pereira Regis  
Barbara Lou da Costa Veloso Dias  
Jean-François Yves Deluchey  
Joana Campinho Rabello Corte Real Delgado  
Lais Luiza Kussler  
Jean Tible  
Fábio Guimarães Liberal  
William Vella Nozaki  
Francisco Freitas  
Carlos Eduardo Freitas  
Max Luiz Gimenes  
João Ricardo Boechat Sales  
Gustavo Siqueira

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

Este relatório não passou por processo de revisão textual e padronização gráfica do Editorial/Ascom.

**Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**  
**Diretoria de Estudos e Políticas de Estado, Instituições e**  
**Democracia**

# **Radiografia do Brasil Contemporâneo**

*Relatório de Pesquisa*

## SUMÁRIO

---

|   |    |
|---|----|
| Apresentação .....  | 5  |
| PARTE 1: A PESQUISA radiografia do brasil contemporâneo .....   | 8  |
| 1. Enquadramento teórico-metodológico .....   | 8  |
| 2. ESTRATÉGIA amostraL: amplitude, profundidade, historicidade e grandeza.....  | 14 |
| 3. Características da população pesquisada.....   | 19 |
| 4. ROTEIRO SEMIESTRUTURADO E abordagem de campo .....   | 23 |
| 5. Questionário básico E diálogo com surveys .....  | 33 |
| 6. Escalas DE origem social, dE atitudes e dE valores.....  | 36 |
| PARTE 2: MÉTODOS DE ACESSO AOS DADOS DA RADIOGRAFIA DO BRASIL.....  | 48 |
| 7. Busca temática no banco de dados .....   | 49 |
| Estratégia 1: Filtros de seleção temática de entrevistas relevantes, com base nas<br>escalas e no questionário fechado..... | 50 |
| ESTRATÉGIA 2: Filtros de seleção temática de entrevistas a partir da busca de<br>palavras-chave .....                       | 53 |
| ESTRATÉGIA 3: CONSTRUÇÃO de <i>corpus</i> textual temático de parágrafos relevantes<br>em todas as entrevistas. ....        | 57 |
| 8. Construção de <i>corpus</i> complexos e análise hierárquica de léxicos em contexto. ....                                 | 61 |
| Considerações Finais e Desenvolvimentos Futuros .....   | 74 |
| Referências .....   | 76 |

## APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

---

A pesquisa *Radiografia do Brasil Contemporâneo (RBC)* foi idealizada e executada pelo Ipea entre 2015 e 2016, sob coordenação do então presidente do instituto, Jessé Souza. Ela teve como objetivo central “*o mapeamento geral das classes sociais e seus ambientes... [e a] reconstrução crítica das inclinações práticas que as compõem*”<sup>2</sup>. A pesquisa buscou compreender “*... a maneira pela qual os diferentes agrupamentos sociais incutem diferentes modos de vida e visões mundo... [e] as carências sociais de certas parcelas desprivilegiadas da população brasileira, principalmente aquelas em vias de ascensão social*”<sup>3</sup>.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa com grande amostra, que envolveu entrevistas em profundidade, multitemáticas e de abrangência nacional, visando “*o exame de narrativas individuais de acordo com esquemas objetivos de socialização*”<sup>4</sup>. Foram realizadas ao todo 632 entrevistas semiestruturadas, acompanhadas por um questionário socioeconômico, com pessoas das mais variadas classes sociais, habitantes de áreas urbanas de todas as macrorregiões do país. Todas as entrevistas foram transcritas e editadas em formato padronizado, compondo um banco de dados textuais inédito no país e que possibilita a realização de estudos de grande abrangência teórica e empírica sobre a realidade nacional, bem como aprofundamentos temáticos e transversais em diversas áreas do conhecimento.

As entrevistas transcritas estão interligadas a atributos sociais dos entrevistados (raça/cor, sexo, território, escolaridade, renda e ocupação). Além disso, em 313 entrevistas foi coletada uma gama de indicadores que revelam os capitais econômico, social e cultural das famílias de origem, bem como as disposições valorativas e atitudinais dos entrevistados em diversas dimensões. Esta interligação é possível por meio do recurso a uma base quali-quantitativa que

---

<sup>1</sup> A equipe da pesquisa agradece a João Cláudio Basso Pompeu, Félix Garcia Lopez, Luseni Maria Cordeiro de Aquino, Emerson Ferreira Rocha e Maria Paula Gomes dos Santos pelos comentários e sugestões ao texto.

<sup>2</sup> IPEA. Radiografia do Brasil Contemporâneo. Projeto de Pesquisa – Ipea projetos. Ipea, 2016

<sup>3</sup> IPEA. Relatório parcial - Radiografia do Brasil Contemporâneo. Projeto de Pesquisa – Ipea projetos. Ipea, 2016

<sup>4</sup> Op. cit., 2016b

contém tanto os atributos quanto os textos das entrevistas, permitindo a utilização de métodos mistos que aliem análises de discurso e de conteúdo a técnicas estatísticas descritivas e correlacionais. Neste sentido, a alcunha “Radiografia do Brasil” capta bem o cerne da investigação: a pesquisa permite, simultaneamente, um olhar amplo e aprofundado sobre o país, como uma série de radiografias que, para além das manifestações epidérmicas, revela fissuras de fundo no tecido social.

O projeto era uma prioridade do Ipea e mobilizou grande quantidade de recursos humanos e materiais. Entretanto, a descontinuidade administrativa limitou o alcance de seu pleno potencial no tempo previsto, haja vista que os principais pesquisadores envolvidos com a investigação em seu início não participaram de sua conclusão. Neste contexto, o material produzido não logrou, até o momento, se enraizar nos planos de trabalho dos técnicos de planejamento e pesquisa da casa, bem como na academia. Esta descontinuidade ou “desidratação” do projeto representaria a perda de uma grande oportunidade, além de desperdício de recursos. Porém, a existência de equipe formada por bolsistas que permaneceram no projeto até o final do ano de 2016 permitiu que fossem desenvolvidos produtos capazes de mitigar os riscos de descontinuidade.

Dado o cenário, focaram-se os esforços em viabilizar que a pesquisa alcance seu potencial por meio de quatro conjuntos de atividades:

1. Codificação de 313 entrevistas em escala multidimensional de valores e atitudes
2. Limpeza, padronização e sistematização de uma base de dados qualitativos e quantitativos.
3. Desenvolvimento de metodologias para seleção textual e construção de *corpus* temático.
4. Realização de pesquisas e escrita de artigos científicos baseados no material produzido.

Este relatório visa, fundamentalmente, sistematizar a base de dados produzida, visando oferecer material para pesquisas vindouras tanto de técnicos do Ipea quanto de pesquisadores externos. Desta forma, seu foco está nas três

primeiras atividades acima citadas. Objetiva-se, fundamentalmente, apresentar o material ao pesquisador interessado, abordando os principais aspectos do estudo - desde os fundamentos teórico-metodológicos, passando pela construção do roteiro de entrevistas, a abordagem de campo, as características da amostra e a codificação de escalas sociais.

Nota-se, não obstante, que é necessário que sejam envidados esforços para tornar público e conhecido o material disponível, preferencialmente por meio de seminários promovidos pelo Ipea e pela divulgação da base entre redes de pesquisadores. Por outro lado, dada a natureza íntima e identificada das falas dos entrevistados, é imperativo que o acesso aos dados por pesquisadores externos seja condicionado à assinatura de termo de responsabilidade e compromisso, bem como à apresentação de projeto resumido de pesquisa em que o interessado motive e fundamente o acesso às informações.

Em suma, foram organizadas três bases de dados: uma de tipo qualitativo-textual (contendo todas as entrevistas realizadas, devidamente editadas); outra de caráter quantitativo (contendo o questionário socioeconômico, as escalas sociais e variáveis derivadas); e uma terceira, de tipo misto, contendo tanto os dados quantitativos quanto os dados qualitativos de forma integrada. Cada uma destas bases, bem como sua documentação, encontra-se em anexo.

Este documento conta com duas partes, além dos anexos e desta apresentação. A primeira parte descreve e analisa o enquadramento teórico-metodológico (seção 1), o planejamento amostral (seção 2), as características da população (seção 3), a estratégia de campo e os instrumentos de investigação (roteiro, questionário e escalas) da pesquisa (seções 4 a 6). A segunda parte trata especificamente do banco de entrevistas e das possibilidades de análise, com foco no uso combinado dos dados textuais com as escalas de origem social, valores e atitudes e com as demais respostas fechadas no desenho de estudos futuros a partir deste material. São descritos e exemplificados os procedimentos metodológicos envolvidos com este tipo de análise. A seção 7 apresenta os passos envolvidos em três estratégias de construção de um corpus textual temático, baseando-se no roteiro de entrevistas, nos dados fechados e no recurso a mecanismos de busca textual. A seção 8 apresenta um exemplo, também por meio

de passos sequenciais, de análise contextualizada de segmentos de textos. Este método combina a análise textual à análise de dados categóricos, recorrendo à tradição da análise gráfica de dados, e, em particular, a análise de correspondência (ver LeRoux e Rouanet, 2010) por meio da utilização do método proposto por Reinert (Vizeu e Justo, 2013; Kalampalikis e Moscovici, 2005). Destaca-se, neste caso, um *script* desenvolvido pela equipe da DIEST especialmente para a Radiografia do Brasil, que automatiza uma série de procedimentos de imputação de informações estruturadas a trechos significativos de fala, permitindo a combinação de resultados de codificação qualitativa de dados assistidos por computador, em especial o software Atlas.ti, a variáveis categóricas referentes a características do texto ou de seu emissor (i.e., do entrevistado).

Por fim, ressaltamos que se buscou, sempre, ser fiel à estratégia original de pesquisa. Para tanto, cotejou-se, na escrita deste documento, o conteúdo do relatório preliminar entregue em maio de 2016, mantendo seu conteúdo quando pertinente e, em diálogo com os seus formuladores, atualizando-o em conformidade com os desenvolvimentos da pesquisa desde então<sup>5</sup>.

## PARTE 1: A PESQUISA RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

---

### 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

---

A abordagem teórico-metodológica que embasou o estudo preza pela captura das múltiplas dimensões que compõem a vida e a trajetória social dos agentes. Dentro desta perspectiva hermenêutica relativamente plural, entende-se que a motivação do comportamento social não é passível de ser nem reduzida e

---

<sup>5</sup> Além do autor do relatório parcial, Ricardo Visser, e cujo texto original encontra-se refletido em diversas seções do presente relatório, os pesquisadores Emerson Rocha, Roberto Dutra, Jessé Souza, Mariana Garcia, Fernando Araújo, Vítor Menezes e João Cláudio Pompeu foram fundamentais para a escrita deste relatório.



muito menos identificável numa única causa, seja ela “objetiva” ou “subjetiva”. De fato, a compreensão deste comportamento depende da identificação tanto de processos de objetivação de disposições “subjetivas” – por exemplo, por meio da aquisição de títulos escolares ou licenças profissionais - quanto de subjetivação de estruturas “objetivas” por meio das quais os agentes sociais incorporam disposições e interpretam as suas trajetórias de vida vis a vis seu contato com estruturas sociais diversas (socialização familiar e comunitária, a escola, o trabalho, o mundo do lazer, da alimentação e da cultura em geral, as políticas públicas, os preconceitos de classe, raça e gênero etc.).

Em conformidade com esta perspectiva, a pesquisa visa, sobretudo, permitir o estudo combinado de narrativas individuais e processos objetivos de socialização. De sorte a conferir abrangência às experiências vividas captadas pelo estudo, este cingiu o país tanto em suas distinções territoriais (macrorregionais) quanto em seus traços sociais mais gerais (classe). Buscou-se, assim, abarcar os principais fatores responsáveis por demarcar padrões comportamentais semelhantes, resultando na realização de centenas de entrevistas em profundidade que permitem, em seu conjunto, não apenas um mapeamento geral das classes sociais, mas, igualmente, a reconstrução das inclinações práticas que as compõem e dos seus contextos de produção e reprodução.

Com o intuito de articular a dinâmica geral entre os diversos estilos, condições e modos de vida, faz-se necessário relacionar não apenas os atributos identificáveis num agrupamento, mas relacioná-los entre si. A pesquisa hermenêutica preza pela comparação rigorosa, constante e permanente. Assim, embora o curso dos eventos compondo uma história de vida não seja passível de reconstrução completa, é possível a construção de hipóteses compreensivas que cotejem teoria e empiria, ensejando constante correção e aprimoramento crítico. Dito de outro modo: nenhuma entrevista pode ser analisada insularmente, posto que um “caso” não ilustra por si só como a sociedade funciona. Embora sua aplicabilidade possa ambicionar ao longo alcance, a validade do conhecimento é sempre parcial. Assim sendo, se o método compreensivo lança mão de comparações, elas se baseiam na averiguação contínua entre semelhanças e diferenças identificáveis dentro dos diferentes âmbitos da vida social.

Por estilo de vida, tomou-se de empréstimo a noção de que a vida social não se reproduz de modo unívoco, mas incute, em cada estrato, arcabouços comportamentais e mentais particulares que não são reduzíveis *a priori* a atributos ou “variáveis” determinísticas, compondo, antes, um campo de possibilidades mais ou menos restrito nos quais - por exemplo - as origens de classe, bem como o volume e a composição de capitais (econômico, cultural, social) conformam esquemas de ação e representação típicos nas mais diversas esferas (e.g. “gostos”, “talento para os estudos”, “ética do trabalho”, “valores morais” ou “comportamento político”). Tais atributos, individualmente exprimíveis e perceptíveis, nos remetem a um dos objetivos nodais do estudo: apreender como tais formas de pensamento e ação equipam desigualmente as classes sociais. Sob este prisma, é importante ponderar sobre as condições de aquisição destas competências e captar os vínculos afetivos que comandam o comportamento individual.

Todavia, tais elos se tornam observáveis apenas ao reconhecer-se que a identidade individual não se constitui isoladamente, mas em relação a um corpo coletivo que, por sua vez, reproduz-se estruturalmente pela capacidade de fazer-se reconhecer como *real* (e, com maior ou menor sucesso, como legítimo) pelos agentes que o compõem. Foi em atenção a esta feição da realidade social que se dedicou boa parte do roteiro: à reconstrução de experiências primárias de socialização na infância, seja na escola, na família, sejam elas lúdicas. Em ruptura com o axioma do agente isolado, foi conferido especial cuidado ao encadeamento entre os eventos vivenciados e suas relações de interdependência com os outros significativos. Em vez de focar separadamente em características como renda, escolaridade, vida familiar e ingresso no mercado de trabalho, faz-se necessário entendê-las perante as histórias de vida que se apresentavam, preconizando a abordagem processual em contraponto à abordagem transversal, ou “fotográfica”, que não consegue captar as distintas trajetórias que marcam diferenças importantes entre indivíduos aparentemente “idênticos” no que se refere à renda, à escolaridade, à ocupação etc.

Dessa maneira, a pesquisa procurou identificar variantes no curso das histórias de vida, e ver como seus sinais mais marcantes se tornam passíveis de serem comparados com outras entrevistas. Por exemplo, no material empírico

destacam-se dois conjuntos coletivos caracterizados por duas formas de vida muito distintas entre si. Nos novos setores médios em mobilidade ascendente, põe-se em relevo um contexto de origem marcado por uma instabilidade estrutural, a qual seus membros têm que se superar. Em suma, essas trajetórias se localizam mais próximas a zonas de vulnerabilidade social, de sorte que tal mobilidade não se exime dos riscos envolvidos no ingresso em tal trajetória. Já as classes médias estabelecidas partem de condições sociais distintas, repercutindo em um maior grau de segurança e estabilidade. Esta dessemelhança ilumina, por seu turno, tanto diferenças atitudinais quanto capacidades de resposta a estímulos institucionais que seriam, tradicionalmente, atribuíveis a simples “diferenças entre os indivíduos”, ao “livre arbítrio”, às “escolhas particulares”, ou, para citar a ideologia predominante, ao “mérito individual”.

É exatamente esta ideologia do mérito que limita as possibilidades de entendimento das diferenças sociais – leia-se, aqui, não apenas diferenciação, mas também distinção e desigualdade. Ao reduzir tais diferenças a características “puramente” individuais, sem conexão com o ambiente de socialização dos indivíduos<sup>6</sup>, converte-se a utopia meritocrática - originalmente fonte de uma crítica social aguda aos privilégios “de berço” e motor de reorganização das sociedades sob eixos mais igualitários - em ideologia justificadora das novas desigualdades que se estruturam por meio da transmissão intergeracional e intragrupos de recursos escassos – sejam eles dinheiro, cuidados afetivos, formas “educadas” de expressão verbal e não verbal, tempo para o estudo, contatos profissionais, etc.

Ocorre que, como fica claro, ao encerrar a análise neste tipo de justificação encerra-se também a capacidade da sociedade pensar a si mesma, compreender-se e, também, discutir com maior profundidade as origens de sua situação atual e seus desafios. Para as políticas públicas em particular, este encerramento enseja,

---

<sup>6</sup> Entende-se aqui ambiente de socialização, ou ambiente social, como os espaços institucionais (família, escola, trabalho, igreja etc.) em que a pessoa se socializa, conformando suas inclinações em termos de valores, gostos, formas de se comunicar, de consumir etc., e que podem marcar distinções culturais relevantes mesmo dentro de uma mesma classe social. Assim, os “estilos de vida”, bem como as disposições práticas para o agir no mundo do trabalho, da família, da cultura, da política, das práticas de poupança e consumo etc. não são aleatoriamente distribuídas entre as pessoas, sendo devedores dos ambientes em que o agente se socializou. Para uma discussão mais aprofundada, ver Boike (2016).

amiúde, a adjudicação ingênua de experiências de vida de classes médias e altas (origem de classe dos formuladores das políticas públicas) ao todo da população. Tal adjudicação, originária da incompreensão profunda, por parte das classes médias e altas, das formas pelas quais nossas disparidades sociais afetam a vida cotidiana desde a mais primária socialização no âmbito familiar, resulta, no limite, no desenho de políticas inadequadas, para a resolução de problemas mal formulados, cujo relativo insucesso é, na falta de um arcabouço teórico-conceitual mais robusto, justificado, pelos formuladores, como resultante de “problemas de implementação” e, pelos implementadores, como resultante de falhas, ou mesmo vícios morais “individuais” por parte do público alvo das políticas, dando vazão a um amplo espectro de preconceitos e, no limite, à deslegitimação dos programas voltados para públicos “problemáticos” - i.e., cuja origem de classe os faz incompreensíveis para as elites formuladoras de políticas públicas.

A pesquisa Radiografia do Brasil se caracteriza por permitir exatamente este tipo de exame crítico, ao não restringir (e nem ignorar) a análise da desigualdade social a variáveis tradicionais como renda, ocupações, posse de bens e capital econômico, abrindo-se para dimensões tais como “*laços emocionais, comportamento intrafamiliar, trabalho informal, engajamento político e rituais religiosos*” (Rehbein, 2016). Busca-se, assim, compreender as carências sociais de certas parcelas desprivilegiadas da população brasileira, principalmente aquelas em vias de ascensão social. Defronte desta preocupação vale citar três eixos temáticos principais da pesquisa:

1. A relação entre socialização familiar e desempenho escolar;
2. A conseqüente inserção no mercado de trabalho e;
3. Variações em função da origem de classe.

Tendo este enquadramento temático na alçada, chama-se atenção para o enfoque no segmento social denominado como batalhadores (Souza, 2012). Trata-se de um estrato social médio, mas desprovido de condições prévias confortáveis para a condução de seus projetos de vida, em particular no que se refere ao capital

cultural. A pesquisa Radiografia do Brasil contemporâneo almejou cotejar esta dimensão, investigando como o desempenho escolar se conecta com condições familiares, perpassadas, por sua vez, por imperativos emocionais, culturais e econômicos particulares.

Munidos de esquemas comportamentais particulares, os batalhadores se caracterizam tanto por afinidades quanto antagonismos estruturais com as classes médias dominantes. Estas últimas se destacam por gozarem não apenas do acesso a um ensino de melhor qualidade, mas igualmente por incorporarem dispositivos comportamentais mais adequados às instituições escolares e às competências intelectuais por elas exigidas. Em congruência com este diagnóstico, adentrou-se a comparação entre dois públicos relacionados: uma classe média fruto de mobilidade social ascendente, conquistando padrões relativamente altos de renda e escolaridade e, noutro flanco, camadas sociais médias consolidadas, cujo acúmulo geracional de estabilidade em sua posição lhes garante certo ponto de partida vantajoso na competição social. Com isso, foi concedida preferência ao refino dos instrumentos de pesquisa, cujo esforço se empenhou em apreender as variáveis qualitativas sobre o fenômeno da ascensão em classes sociais inseridas em contextos desprivilegiados de origem.

Enraizados nas transformações recentes da estrutura social brasileira, esta classe média oriunda de setores populares é resultado tanto de modificações em sua estatura econômica, como se pode detectar pelo aumento real do salário mínimo e do incremento do emprego, quanto de uma gama de políticas públicas na área educacional, habitação, crédito e etc. Portanto, os atributos do público pesquisado devem ser entendidos à luz destas metamorfoses, encontradas em detalhes nos aspectos mais ricos e diversos de seu estilo de vida. No que tange a esta parcela dos investigados, a captura das variáveis operantes na mobilidade envolvem uma interpenetração entre esferas de vida, imperativos funcionais e institucionais, que podem fomentar oportunidades ou restringi-las.

É preciso frisar, ainda, que similitudes e divergências nas tendências à ação moldam ambientes sociais dentro de estratos mais amplos. Em função disso, o esforço analítico de pesquisa se endereçou à construção de escalas de atitudes e valores (a serem analisadas em seção posterior), cuja principal meta é enveredar

pelas diferenças finas que compõem associações coletivas mais específicas. Por conseguinte, torna-se factível delinear tanto traços gerais quanto aqueles que requerem maior nitidez. A elaboração de escalas pretendeu justamente responder a esta demanda, já que através delas torna-se possível reconstruir subespaços mais detalhados.

## 2. ESTRATÉGIA AMOSTRAL: AMPLITUDE, PROFUNDIDADE, HISTORICIDADE E GRANDEZA.

---

A seleção dos 632 entrevistados foi feita por meio de uma amostragem não probabilística da população urbana que participa ou participou da força de trabalho. Em um primeiro estágio distinguiu os setores censitários a partir de seus scores no *Índice de Vulnerabilidade Social (IVS)*<sup>7</sup>. O segundo estágio selecionou entrevistados considerando-se, principalmente, o critério *ocupação*, além de outras variáveis relevantes como instrução e renda. Neste sentido, o critério adotado aproxima-se à amostragem por cotas. Mas, ao invés de uma representação proporcional dos grupos ocupacionais e dos territórios, buscou-se intencionalmente a sobre representação de frações de classes médias e altas urbanas, como se verá na seção 3 deste relatório.

Com essa estratégia de seleção buscou-se permitir representatividade e aprofundamento qualitativo acerca de práticas e representações incorporadas pelos agentes, desvelando as conexões destas práticas e representações com a distribuição desigual de condições de vida, recursos econômicos e culturais, relações familiares e comunitárias, trajetórias escolares e ocupacionais. No conjunto, a amostra da Radiografia do Brasil abre a possibilidade relativamente inédita de uma análise baseada em quatro características dificilmente encontradas na mesma pesquisa:

---

<sup>7</sup> O IVS é um índice sintético de dezesseis indicadores de vulnerabilidade e exclusão social no território brasileiro, subdividido em três dimensões: infraestrutura urbana, capital humano e renda/trabalho (Ipea, 2015\*).

1. **Amplitude temática:** ao contrário de pesquisas focadas em um assunto apenas, o longo roteiro de entrevista aborda temas diversos (família, trabalho, educação, práticas culturais e de lazer, religião, política – ver seção V abaixo), permitindo conectar múltiplas esferas da vida.
2. **Historicidade:** ao contrário de pesquisas de corte transversal puro, a RBC permite observar a trajetória dos indivíduos. Ela aborda tanto a infância da pessoa quanto o momento presente, passando pelo período escolar e a primeira inserção laboral. Assim, torna-se possível reconstruir a história de vida e analisar longitudinalmente tanto condicionantes da reprodução social como elementos diacríticos de trajetórias de classe ascendentes e descendentes.
3. **Grandeza amostral:** com 632 entrevistas, a pesquisa permite, ao contrário de pesquisas qualitativas de menor fôlego, atingir não apenas o chamado ponto de saturação como também ampliá-lo para estudos comparativos entre grupos sociais distintos (com dois ou mais pontos de saturação) e, finalmente, para estudos de âmbito nacional. Além disso, a grandeza da pesquisa permite incorporar técnicas estatísticas de análise textual mais robustas, como o *text mining* e a análise lexicográfica, que podem ser agregadas a métodos de análise gráficas de dados tais como a análise de correspondência.
4. **Profundidade de significados:** ao contrário de enquetes fechadas onde frases monossilábicas e reflexões complexas, dúvidas e afirmações peremptórias, contradições, incômodos e silêncios são reduzidas a opções de resposta com o mesmo “peso”, entrevistas em profundidade abrem espaço para uma interpretação muito mais rica dos significados atribuídos pelos pesquisados aos temas abordados. E, também, tendo o uso cotidiano e ordinário da linguagem como base, torna-se possível reconstruir um contexto mais amplo de significados e visões, conectando tópicos vistos de forma estanque em enquetes tradicionais.

Dado o interesse em captar frações de classes médias e altas, bem como o foco da pesquisa na população que participa ou participou da força de trabalho moradora de regiões urbanas, os entrevistados tendem a ter índices de escolaridade e renda superiores à média brasileira, como será analisado na seção

seguinte. Em particular, foi selecionado um grande número de indivíduos pertencentes aos estratos superiores, que são menos numerosos, mas, também, mais tendentes a fracionamentos e distinções de classe importantes à conformação do espaço social como um todo (cf. Bourdieu, 1984; 2007).

Ainda, a pesquisa tinha como um dos seus principais objetivos investigar a trajetória de pessoas em mobilidade social ascendente, comparativamente às trajetórias de classes médias já estabelecidas em sua posição social há mais de uma geração. Assumiu-se, como estratégia para identificar perfis em mobilidade ascendente, a localização de pessoas com níveis relativamente elevados de instrução e/ou renda em unidades de desenvolvimento humano com indicadores relativamente baixos de vulnerabilidade social. Munidos de planilhas dotadas destas informações, os coordenadores regionais da pesquisa puderam, junto aos pesquisadores de campo, estipular estratégias para alcançar os perfis desejados.

A definição de unidades de desenvolvimento humano com determinado nível de vulnerabilidade social deixava aos pesquisadores de campo uma boa margem de manobra para conseguirem pessoas dispostas a concederem as entrevistas, ao mesmo tempo em que garantia um direcionamento adequado aos interesses da pesquisa. Note-se, ainda assim, que a definição de entrevistados em pesquisas não probabilísticas são ainda mais devedoras da capacidade de inserção em campo do que, por exemplo, amostragens aleatórias simples sem substituição. No caso em tela, era necessário permitir aos pesquisadores a margem de flexibilidade necessária para que conseguissem entrevistados dispostos a concederem entrevistas da natureza pretendida: longas e cobrindo, com profundidade, temas delicados, quer por sua natureza íntima quer por seu caráter polêmico.

Além da flexibilidade necessária na condução das entrevistas, foi importante contar com uma ampla rede de relações pessoais entre os pesquisadores e os entrevistados. Nesse caso, há uma considerável diferença operacional entre um estilo pesquisa qualitativa, com entrevistas em profundidade, e um *survey*. Se por um lado, os pesquisadores do projeto exibiam qualificação especializada (mestrado/doutorado), necessária à flexibilidade na condução das entrevistas, por outro dispunham ou acessaram os entrevistados por



meio de redes de relações pessoais próprias ou de terceiros. Assim sendo, a pesquisa alude não apenas ao modo processual no qual se desdobram as trajetórias dos agentes, mas objetiva enfatizar o caráter relacional das estratégias adotadas em função de seus contextos de origem. Corre-se o risco, naturalmente, de reduzir o escopo das ocupações e perfis, uma vez que sempre existe a possibilidade sacrificar a heterogeneidade amostral.

No entanto, há um problema operacional de fundo: se a pesquisa tem como fito a condução de entrevistas em profundidade, no qual o entrevistado responde a perguntas (por vezes de foro privado) durante uma ou duas horas (as entrevistas têm, em média, 50 páginas): como executa-la sem dispor de uma abertura inicial do entrevistado? Em contraste, com um questionário fechado, um questionário semi-estruturado busca certo engajamento do entrevistado. Seria improvável levar isso a cabo sem se munir de um capital de relações pessoais prévio. Mesmo que pensemos numa pesquisa por domicílio, a condução de uma entrevista visando apreender aspectos centrais das representações simbólicas e culturais nas trajetórias, assim como algumas contradições performáticas e linguísticas, seria impossível sem o engajamento do pesquisador com o pesquisado. Este princípio aplica-se com ainda mais veemência quando tratamos de subgrupos pesquisados com alta renda, que tendem à subdeclaração.

Desta forma, ao contrário de pesquisas de opinião do tipo *survey*, a Radiografia do Brasil não visa apresentar dados relativos às *frequências* absolutas de quaisquer variáveis ou fatos sociais a partir de uma extrapolação dos dados para o universo da população brasileira. Em suma, o desenho teórico-metodológico da pesquisa, e sua concretização por meio da estratégia de seleção dos entrevistados, não teve esse objetivo. Por conseguinte, não são apresentadas na base de dados pesos amostrais resultantes de uma pós-estratificação dos dados, ou qualquer outro método de correção amostral.

O que a Radiografia do Brasil visa é, antes, compreender e, no limite, explicar os complexos fatores geradores do tecido social - sejam eles de natureza “objetiva”, “subjetiva” ou “intersubjetiva” - estabelecendo *relações* entre determinadas trajetórias de vida e posições sociais. Assim, a pesquisa buscou não

apenas a saturação discursiva do *corpus* de entrevistas<sup>8</sup>, mas uma múltipla saturação, alcançando grande número de classes e frações de classes sociais, o que permite o estabelecimento de correlações entre fenômenos muito díspares.

O critério de saturação é o principal critério utilizado para a definição de amostras qualitativas e significa, resumidamente, a busca do ponto em que a maior parte das percepções relevantes à pesquisa já foram levantadas. A partir daí, a adição de novas entrevistas vira um exercício relativamente supérfluo, revelando apenas repetições ao invés de informações novas que lancem luzes sobre o objeto de estudo (Mason, 2010). É comum citar-se algum número mínimo recomendado para o alcance este critério, girando este em torno de 12 entrevistas (Guest, Bunce e Johnson, 2006), e podendo chegar até 60 em casos onde se espera revelar disposições, percepções, atitudes ou discursos mais raros. Entretanto, estes números são uma “regra de bolso”, isto é, um critério de conveniência para a elaboração de projetos de investigação: o ponto de saturação exato depende de uma série de fatores complexos, como o escopo da pesquisa, as características (e heterogeneidade) do objeto, o referencial utilizado para análise e a própria qualidade dos dados. Pesquisas em profundidade tendem a ter um ponto de saturação menor, o mesmo se aplicando a pesquisas fenomenológicas e de história de vida. Pesquisas que comparam dois ou mais grupos, por sua vez, deveriam, em princípio, atingir saturações para *cada* grupo (ver, para um caso exemplar, Elias, 2000).

Na Radiografia do Brasil, com 632 entrevistas disponíveis, *torna-se possível o alcance de múltiplas saturações, para diversos grupos sociais*. Isso permite tanto análises em profundidade de um grupo de interesse quanto comparações entre diversos grupos, incluindo, em certos casos, o recurso a técnicas estatísticas de análise de dados e testes de hipóteses - em especial aquelas derivadas da análise gráfica de dados, como a análise de correspondência<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Sobre o conceito de *corpus* em substituição à ideia de amostra, ver Bauer e Gaskell (2000).

<sup>9</sup> Para um análise exaustiva do tema, ver LeRoux e Rouanet (2010). Para um caso exemplar de utilização da análise de correspondência para a análise de classes sociais, ver Bourdieu (2007).

### 3. CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO PESQUISADA

---

Como exposto acima, a pesquisa não buscou representatividade estatística dos diversos estratos populacionais, e sim uma amostra significativa dos principais grupos sociais relevantes à compreensão da sociedade brasileira e de seus fenômenos de distinção social, econômica, política e cultural. Desta forma, classes sociais e frações de classe menos numerosas em termos demográficos, mas extremamente relevantes para a compreensão da reprodução das relações sociais brasileiras, tais como estratos de classes médias e altas, foram sobrerrepresentados, buscando atingir a saturação qualitativa da variedade de práticas, discursos e percepções sobre os mais diversos tópicos abordados nas entrevistas.

Ainda assim, é relevante se ter uma visão geral das características dos entrevistados em comparação com a população brasileira como um todo, o que auxilia a compreender as particularidades da pesquisa e quais subgrupos permitiriam, em tese, a construção de uma “subamostra” ou, de forma mais exata, um *subcorpus* qualitativo suficientemente saturado. Isso é especialmente importante no âmbito de pesquisas que busquem comparar grupos sociais distintos. Com este intuito, as tabelas abaixo apresentam a parcela da população nacional por região, sexo, idade, renda e ocupação, assim como a proporção e o número absoluto de entrevistados em cada um destes grupos.

Note-se, não obstante, que as tabelas retratam apenas algumas das muitas possibilidades de diferenciação da população pesquisada, focando-se naquelas mais tradicionais e que, em geral, compõem os questionários aplicados pelo IBGE em pesquisas domiciliares. Como será detalhado nas seções seguintes, uma série de outras dimensões tais como origem de classe, cuidados familiares, disposições sociopsíquicas, envolvimento religioso e ideologia política permitem a investigação empírica conjugada de uma série de fatores os quais, até o momento, não tem recebido a devida atenção. Espera-se que a disponibilização da Radiografia do Brasil aos pesquisadores do Ipea permita lançar luzes sobre fenômenos importantes e poucos estudados, bem como novos olhares sobre temas viesados pelo tipo de informação disponível.

Tabela 1: Características da população estudada em comparação com a população adulta da PNAD 2014, por grande grupo ocupacional:

Tabelas 1 a 6: Características da população estudada em comparação com a população adulta da PNAD contínua 2016/3, por região, sexo, raça/cor, escolaridade, faixas de renda e grande grupo ocupacional urbano:

| REGIÃO       | PNAD  | Radiografia (%) | Radiografia (N) |
|--------------|-------|-----------------|-----------------|
| Centro-oeste | 7,5%  | 8,1%            | 51              |
| Nordeste     | 26,7% | 29,6%           | 187             |
| Norte        | 7,6%  | 14,1%           | 89              |
| Sudeste      | 43,4% | 35,8%           | 226             |
| Sul          | 14,8% | 12,5%           | 79              |

| SEXO      | PNAD  | Radiografia (%) | Radiografia (N) |
|-----------|-------|-----------------|-----------------|
| Masculino | 47,5% | 52,2%           | 330             |
| Feminino  | 52,5% | 47,8%           | 302             |

| COR AUTO-DECLARADA | PNAD  | Radiografia (%) | Radiografia (N) |
|--------------------|-------|-----------------|-----------------|
| Amarelo            | 0,7%  | 1,9%            | 12              |
| Branco             | 45,7% | 51,1%           | 323             |
| Indígena           | 0,2%  | 1,3%            | 8               |
| Pardo              | 45,0% | 30,5%           | 193             |
| Preto              | 8,4%  | 15,2%           | 96              |

| RENDA (TRABALHO PRINCIPAL) | PNAD  | Radiografia (%) | Radiografia (N) |
|----------------------------|-------|-----------------|-----------------|
| < 1 SM                     | 29,5% | 13,6%           | 86              |
| 1 a 2 SM                   | 36,5% | 17,7%           | 112             |
| +2 a 5 SM                  | 25,3% | 25,8%           | 163             |
| +5 a 10 SM                 | 5,8%  | 19,9%           | 126             |
| +10 a 20 SM                | 2,2%  | 13,6%           | 86              |
| + 20 SM                    | 0,7%  | 9,3%            | 59              |

| <b>NÍVEL DE INSTRUÇÃO</b>     | <b>PNAD</b> | <b>Radiografia (%)</b> | <b>Radiografia (N)</b> |
|-------------------------------|-------------|------------------------|------------------------|
| Sem instrução e EF incompleto | 37,6%       | 10,9%                  | 69                     |
| EF completo e EM incompleto   | 14,7%       | 7,8%                   | 49                     |
| EM completo e ES incompleto   | 21,8%       | 26,1%                  | 165                    |
| ES completo                   | 13,8%       | 55,2%                  | 349                    |

| <b>Grande grupo ocupacional urbano</b> | <b>PNAD (2014)</b> | <b>Radiografia (%)</b> | <b>Radiografia (N)</b> |
|--|--------------------|------------------------|------------------------|
| Trabalhadores urbanos                  | 73,5%              | 36,2%                  | 212                    |
| Técnicos                               | 8,4%               | 8,2%                   | 48                     |
| Profissionais das ciências e das artes | 11,1%              | 44,6%                  | 261                    |
| Dirigentes                             | 6,2%               | 9,9%                   | 58                     |
| Forças armadas e auxiliares            | 1,0%               | 1,0%                   | 6                      |
| <i>Sem ocupação/não informado</i>      | -                  | 7,4%                   | 47                     |

Fontes: Pnad Contínua (2016/3); Pnad (2014) e Ipea (2017). Elaboração Própria.

Acerca da distribuição regional da pesquisa, a escolha de duas áreas urbanas no Norte (Manaus e Belém) ampliou o número de entrevistados neste território, em detrimento de uma pequena redução na Região Sudeste – na qual, não obstante, realizaram-se mais de um terço das entrevistas. Em suma, a pesquisa permite, quando for do interesse, lançar um olhar específico sobre as particularidades das grandes metrópoles amazônicas brasileiras em comparação, por exemplo, com áreas que ocupam maior dominância econômica e cultural na vida do país.

Esta diferença se reflete também no número de entrevistados que se identificam como indígenas (n = 8). Dito isso, no que se refere à cor/raça a diferença que mais chama a atenção é, sem dúvida, a grande parcela de pessoas que se denominam "pretas" e a relativamente pequena parcela de pessoas que se denominam "pardas". Embora não seja possível se aprofundar neste tópico aqui, sabe-se que tal fenômeno está vinculado ao fato de que têm aumentado nas últimas décadas o número de pessoas de alta escolaridade que se denominam pretas, alterando, no sentido estatístico, sua identidade "racial". Essa alteração reverte

parcialmente o processo histórico de branqueamento identitário que marcou fortemente a sociedade brasileira no século passado. Diz-se parcialmente pois, ainda hoje, tal reversão está relativamente restrita a camadas mais escolarizadas da população (em especial as que frequentaram o ensino superior). Como as pessoas de alta escolaridade estão intencionalmente sobrerrepresentadas na pesquisa, é natural que esta sobrerrepresentação se reflita também na autopercepção de raça/cor quando comparamos os dados da Radiografia com os dados do Censo.

Com relação à escolaridade e renda, a busca por pessoas pertencentes à elite econômica e cultural reflete no fato de que todos os grupos sem ensino superior completo são menos frequentes na Radiografia do Brasil do que se esperaria caso a pesquisa fosse feita com uma amostra aleatória. Ainda assim, o número de entrevistados em cada grande grupo é relativamente alto, o que permite o alcance de critérios de saturação e mesmo de comparação entre subgrupos dentro de cada estrato. No quesito educação, cabe destacar que o grande grupo “superior completo” inclui 131 entrevistas com pós-graduados (sendo 32 doutores). Com relação à renda, a Radiografia do Brasil mostra-se, novamente, com claro viés de sobre representação das faixas mais altas<sup>10</sup>. Contando com 59 entrevistados que tem renda superior a 20 salários mínimos (valores de 2016), sendo que seis destes tem renda mensal superior a 50 salários mínimos, a pesquisa permite compreender melhor os ricos. Para uma pesquisa que busca compreender as classes sociais no Brasil, seria impossível, com uma representação paritária das faixas de renda, captar um número suficiente de pessoas de alta renda e/ou escolaridade que permitisse uma investigação aprofundada deste(s) grupo(s). Dito isso, vale lembrar que pesquisas quantitativas domiciliares como as realizadas pelo IBGE têm dificuldades em entrevistar essas pessoas, e, quando as entrevistam, tendem a sofrer do problema da subdeclaração<sup>11</sup>. Este fenômeno também ocorre, em algum grau, entre a população

---

<sup>10</sup> Nota-se que a pesquisa focou em pessoas que participam ou participaram da força de trabalho, de sorte que não cabia comparar com a renda per capita obtida via PNAD. Optou-se por comparar com a renda habitual de todos os trabalhos daqueles que obtiveram rendimento por este meio (dado que a PNAD contínua ainda não revela outras fontes de renda). Obviamente, isto exclui aposentados, e reduz a renda derivadas de aplicações financeiras, heranças etc.

<sup>11</sup> Sabe-se que em *surveys* os entrevistados costumam não apenas omitir certas fontes de rendimento como a declarar rendas do trabalho em nível inferior aos seus salários ou compensações reais. Embora em alguns casos os pesquisadores tenham notado isso acontecer em suas entrevistas, é de se crer que, dado o tipo de contato e de entrevista, este problema tenha sido

mais pobre, em particular aquela não assalariada, que encontra dificuldades em relatar o ganho mensal real. Neste sentido, uma parte do aparente viés da amostra da Radiografia é reflexo, na verdade, do viés das pesquisas amostrais.

A pequena diferença entre homens e mulheres entrevistadas é resultado, provavelmente, do foco em entrevistar pessoas de renda mais alta – são muitos os diretores de empresa, empresários e altos funcionários públicos na Radiografia, e eles são, como os ocupantes de cargos de comando e direção em geral, majoritariamente homens. Por outro lado, vale apontar que a pesquisa investiga aspectos patriarcais nas relações de cuidado e de mercado, incluindo a divisão sexual do trabalho doméstico, tanto no momento atual como nas famílias de origem dos entrevistados. Para 313 casos, inclusive, não apenas estão disponíveis as transcrições das entrevistas (que aborda este tema por diversos ângulos) como também itens derivados de escala social relacionados aos cuidados domésticos na família de origem e as atuais relações conjugais.

Por fim, a distribuição da amostra por ocupações aponta, mais uma vez, que a RBC possui heterogeneidade amostral, mas, ao mesmo tempo, sobrerrepresenta determinados grupos. Em particular, os profissionais de ensino superior e, em menor grau, os dirigentes são mais comuns na amostra do que na população urbana brasileira. Sobre os profissionais, em particular, este grupo se subdivide em educadores (73 entrevistas), profissionais do direito (57), da cultura e sociedade - incluindo jornalistas, artistas, sacerdotes, psicólogos, cientistas sociais e economistas (57) -, das ciências e engenharias (39), da saúde (27) e da administração (18). Entre os trabalhadores, sobressaem-se os de serviços pessoais como cozinheiros, garçons e cabeleireiros (41), comércio (34), manuais qualificados (33), auxiliares administrativos (29), serviços domésticos (28), vendedores de rua e outros trabalhadores elementares (26), motoristas (12) e trabalhadores da construção civil (9).

#### **4. ROTEIRO SEMIESTRUTURADO E ABORDAGEM DE CAMPO**

---

---

minimizado. Há inclusive, entrevistados que responderam níveis de renda mais baixos, mas que, durante a entrevista, acabaram declarando rendimentos mais elevados.

Como apontado acima, os objetivos da pesquisa e sua abordagem teórico-metodológica se refletiu na construção do roteiro de investigação utilizado. Nele é possível observar como a condução das entrevistas seguiam eixos temáticos gerais, orientados por inquietações teóricas de fundo, contidas em detalhe nas orientações para sua realização. Ao preservar isto em vista, não foi arbitrária a secção dos eixos temáticos entre trajetória ocupacional, contexto familiar, consumo e práticas culturais, práticas econômicas, vida comunitária e religiosa, relações de gênero e, por fim, percepção política.

Além disso, em vez de apenas conferir atenção ao plano consciente e evidente, atentou-se às práticas pré-reflexivas dos agentes na medida em que não exibem domínio total sobre suas decisões e móveis de sua ação. Para conferir concretude e expressão a este pressuposto, objetivou-se mesclar engajamento e distanciamento durante o fluxo da entrevista. Zelou-se por uma conversa orientada, mas que deve, em circunstâncias controladas, se aproximar de uma conversa espontânea. Note-se que a aplicação bruta de um questionário fechado, ou mesmo de um roteiro estruturado inflexível, tornaria improvável o aprofundamento desta dimensão. Como resultado, a pesquisa contemplou tanto o plano reflexivo como o pré-reflexivo, isto é, calcado em tendências prováveis à ação.

O roteiro foi elaborado mediante um conjunto de discussões, tomando como base roteiros e questionários de pesquisas anteriores, abordando o tema dos valores e da desigualdade. Pode-se citar como exemplos de material consultado a produção em torno do *European Social Survey*, da pesquisa *Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland* e o questionário da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade. Parceiros da Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome também colaboraram com o roteiro, em particular no que se refere à inclusão de questões relativas às políticas públicas.

Elaborado o roteiro, foi necessária uma estratégia para nivelar o trabalho de campo da equipe de pesquisadores. Construiu-se um manual de apoio com instruções sobre como os pesquisadores deveriam se preparar para a realização das entrevistas, assim como um instrumento denominado então de “roteiro



explicativo”. Esse roteiro trazia uma explicação sumária sobre quais preocupações de pesquisa motivavam cada seção do roteiro e, após essa exposição, um conjunto de questões que poderiam cobrir tais preocupações.

Como se tratam de entrevistas delicadas, de caráter flexível, o manual orientava os pesquisadores a utilizar a relação de questões como um cardápio de possibilidades. Eles deveriam ser capazes de improvisar durante a entrevista, caso o fluxo de interação com o entrevistado assim o exigisse. Nesse sentido também, eles foram orientados a praticar a elaboração de questões em casa. A partir da leitura do roteiro explicativo, eles deveriam criar questões pertinentes a cada bloco, preparando-se assim para a situação de entrevista, em que eles fatalmente necessitariam criar questões de acordo com a interação com o entrevistado. Note-se assim que, como é o caso em roteiros semiestruturados, as questões não foram todas perguntadas *ipsis literis* aos entrevistados; o objetivo é que elas fossem abordadas naturalmente no fluxo da conversa, em que, via de regra, o próprio entrevistado conectava, em sua fala, diversos dos temas de interesse, servindo as intervenções do entrevistador como estímulo dialógico à narrativa, quando apropriado. O manual (em anexo) trazia também instruções mais estritamente operacionais, como um procedimento para identificar as entrevistas por código, algo essencial para a organização do banco de dados.

Para se ter uma noção geral do seu tamanho, basta ver que as entrevistas transcritas contêm, na média, 52 laudas (52 mil caracteres sem espaço). O quadro 1 apresenta as questões do roteiro semiestruturado, separadas em blocos temáticos.

Quadro 1: Roteiro de entrevista, por bloco.

| <b>Questão</b>                            | <b>Tema</b>                             |
|---|---|
| Qual era a profissão dos seus pais?       | CONDIÇÃO<br>SOCIOECONÔMICA DE<br>ORIGEM |
| Como eles conciliavam trabalho e família? |   |

|  |                                      |
|--|--------------------------------------|
| Como era a vida de vocês: muito apertada, mais ou menos, ou viviam com folga? Fale mais sobre isso.  |                                      |
| Seus pais estudaram até que série?   |                                      |
| Quem cuidava de você? Como cuidava?  |                                      |
| O ambiente na sua casa era tranquilo ou era mais conturbado? Quem mais morava na mesma casa?   |                                      |
| Como era a divisão do espaço e das tarefas?  |                                      |
| Descreva um dia típico da sua infância?  |                                      |
| Quando você fazia algo de errado, como você era punido?  | INFÂNCIA                             |
| Quais eram as preocupações centrais em termos financeiros?   |                                      |
| Faltava alguma coisa em casa?  |                                      |
| Nós sabemos que todas as famílias têm coisas boas e também têm muitos problemas. Quais eram as melhores coisas na sua família?                         |                                      |
| E quais eram as piores?  |                                      |
| A gente sempre herda muitas coisas dos nossos pais. O que você herdou do seu pai?  |                                      |
| O que você herdou da sua mãe?  |                                      |
| O que você tentou fazer diferente do seu pai?  |                                      |
| O que você tentou fazer diferente da sua mãe?  | PERCEPÇÃO DE MUNDANÇA SOCIOECONÔMICA |
| Olhando para a sua família hoje e para o tempo em que você vivia com seus pais, quais as grandes diferenças que você vê na maneira de criar os filhos? |                                      |
| E na maneira de conviver com o companheiro?  |                                      |
| E na sua condição social?  |                                      |
| Descreva um dia típico na sua escola quando você estava no primário.   | ESCOLARIDADE                         |
| Teve algum professor do qual você gostou muito?  |                                      |

|   |                           |
|---|---------------------------|
| Você estudava em casa?  |                           |
| Como era isso?  |                           |
| Você fazia alguma atividade além da escola?                       |                           |
| Como era isso?  |                           |
| Você se considerava inteligente na escola? Fale mais sobre isso.  |                           |
| E seus pais e professores, em geral, eles te achavam inteligente? |                           |
| O que você mais gostava de fazer na escola?                       |                           |
| E o que você não gostava de fazer?                                |                           |
| E quando você ficou adolescente, o que mudou na sua vida escolar? |                           |
| Quando você começou a pensar em uma profissão?                    |                           |
| No que a escola te influenciou nisso?                             | TRANSIÇÃO ESCOLA-TRABALHO |
| Quando você começou a trabalhar?                                  |                           |
| Por quê?  |                           |
| Quantos trabalhos diferentes você teve? Conte essa história.      |                           |
| Descreva um dia típico no seu trabalho atual.                     |                           |
| Como é a sua relação com seus superiores e colegas?               |                           |
| Qual era o trabalho dos seus sonhos?                              |                           |
| Ele tem a ver com seu trabalho atual?                             | OCUPAÇÃO                  |
| Que tipo de competências ou habilidades o seu trabalho exige?     |                           |
| Como você desenvolveu essas habilidades?                          |                           |
| Você está contente com o seu trabalho ou você pretende mudar?     |                           |

|   |                    |
|---|--------------------|
| Você tem uma renda estável?   |                    |
| Qual é a frequência de seus rendimentos (semanal, mensal, trimestral...)?                             |                    |
| Como você usa seu dinheiro?   |                    |
| Despesas mensais?   |                    |
| Poupança?   |                    |
| Investimento?   | DESPESA E POUPANÇA |
| Como você organiza esses gastos?  |                    |
| Alguma forma de controle escrito?   |                    |
| Com qual antecedência?  |                    |
| Você tem muitos amigos?   |                    |
| Como você os conheceu?  |                    |
| Algum amigo ou conhecido já te deu algum tipo de ajuda que foi importante para sua vida profissional? | CAPITAL SOCIAL     |
| Que lugares você frequenta com seus amigos?   |                    |
| O que vocês fazem juntos?   |                    |
| Você tem alguma religião?   |                    |
| Com que frequência você vai aos cultos?   |                    |
| Com que frequência você faz orações fora do culto?  |                    |
| E outras atividades religiosas?   | RELIGIÃO           |
| Que atividades você faz na igreja?  |                    |
| Com quem você vai à igreja?   |                    |
| A que tipo de pessoa Deus ajuda?  |                    |

|   |                      |
|---|----------------------|
| Como Deus tem atuado na sua vida?                               |                      |
| Que coisas você pede a Deus?                                    |                      |
| Como Deus age nesse mundo?                                      |                      |
| Geralmente, o que você faz para se divertir ou se distrair?     |                      |
| Quando tem tempo livre, prefere ficar em casa ou gosta de sair? |                      |
| E o que faz nesse tempo?  | LAZER                |
| E onde você geralmente vai?                                     |                      |
| Esses lugares que você frequenta, conte-me mais sobre eles.     |                      |
| O que você mais gosta de comprar?                               | CONSUMO              |
| Com que frequência?   |                      |
| Como você se veste?   |                      |
| De que tipo de música você gosta?                               |                      |
| Cite exemplos?  |                      |
| Quais os últimos filmes que você assistiu e gostou?             | CULTURA              |
| Por quê gostou?   |                      |
| Quais os últimos livros que você leu e gostou?                  |                      |
| Por quê gostou?   |                      |
| Você gosta de cozinhar? Fale mais sobre isso.                   |                      |
| Você considera a sua alimentação saudável?                      | ALIMENTAÇÃO          |
| Por quê?  |                      |
| O que você faz para cuidar do seu corpo?                        | CUIDADOS COM O CORPO |

|   |  |
|---|--|
| Malha?  |  |
| Pratica esportes?   |  |
| Você bebe?  | ALCOOL                                   |
| O que costuma beber? Cite uma marca?  |  |
| As mulheres estão se libertando muito rapidamente. Quais são os aspectos negativos e positivos disso? |  |
| Você acha que homens e mulheres são iguais ou diferentes? Por quê?                                    | GÊNERO                                   |
| Quem você acha que tem mais satisfação sexual, o homem ou a mulher? Por quê?                          |  |
| O que é um parceiro ideal?  |  |
| Qual a diferença entre sexo e amor?   | RELAÇÕES CONJUGAIS                       |
| É possível manter a paixão num casamento?   |  |
| O que leva a conflitos em um casal?   |  |
| Como você se enxerga na sociedade?  |  |
| Como você percebe as classes imediatamente acima da sua?  |  |
| E as classes imediatamente abaixo?  |  |
| Como você acha que as políticas públicas tratam as pessoas mais pobres?                               |  |
| O que é ter uma vida boa no Brasil?   | PERCEPÇÃO DE CLASSE E POLÍTICAS PÚBLICAS |
| O que seria mais importante e menos importante em uma vida boa?                                       |  |
| Como se pode alcançar essa vida boa?  |  |
| Qual é o papel das políticas públicas para alcançar essa vida boa?                                    |  |
| Você pode alcançar essa vida boa?   |  |
| Qual o papel da educação para assegurar essa vida boa?  | PAPEL DAS POLÍTICAS SOCIAIS              |

|   |                                      |
|---|--------------------------------------|
| E o papel das COTAS?  |                                      |
| E o do Pronatec?  |                                      |
| Como é sua relação com o SUS?   |                                      |
| Como você o avalia?   |                                      |
| E o dos Mais Médicos?   |                                      |
| E do bolsa família?   |                                      |
| E o da Minha Casa, Minha vida?  |                                      |
| E você foi ou é beneficiado por algum desses programas?                         |                                      |
| E como foi é essa experiência?  |                                      |
| Você foi bem tratado pelos funcionários desse programa?                         | EXPERIÊNCIA COM<br>POLÍTICAS SOCIAIS |
| E você já tentou ser beneficiado e não conseguiu?                               |                                      |
| E como foi essa experiência de não conseguir?                                   |                                      |
| O que seria bem estar para você?  |                                      |
| Pensando no bem estar da sociedade, como você vê o papel das políticas sociais? |                                      |
| O que seria para você progresso?  | BEM ESTAR E PROJETO<br>DE VIDA       |
| E o que você acha que dificulta a melhora da vida das pessoas?                  |                                      |
| Você tem algum sonho ou projeto futuro que quer alcançar?                       |                                      |
| Como você acha que poderia alcançar esse sonho?                                 |                                      |
| Para você, qual é o principal problema do Brasil? Por quê?                      | PROBLEMAS<br>NACIONAIS               |
| O que podemos fazer para superá-lo?   |                                      |
| Você acha que o preconceito é um problema no Brasil?                            | PRECONCEITO<br>DISCRIMINAÇÃO E       |

|   |                                   |    |
|---|-----------------------------------|----|
| Você já sofreu algum preconceito?   |                                   |    |
| Se sim, poderia contar como foi?  |                                   |    |
| Você acha que há preconceito entre as classes? Por exemplo, entre ricos e pobres? Por que?  |                                   |    |
| E você acha que as políticas públicas tratam as pessoas de forma humilhante? Por quê?   |                                   |    |
| Como você enxerga a questão do aborto?  |                                   |    |
| E do casamento gay?   | DIREITOS REPRODUTIVOS SEXUALIDADE | E  |
| Como você reagiria se alguém próximo se envolvesse em alguma destas questões?   |                                   |    |
| Em qual extensão a questão ambiental impacta a sociedade e a sua vida?  |                                   |    |
| E a desigualdade social?  |                                   |    |
| Você se engajaria preferencialmente em por causas ambientais, maus tratos com animais ou em causas “sociais”, como assistência aos usuários de crack ou outros excluídos? (fazer o entrevistado falar espontaneamente)? | SOLIDARIEDADE ENGAJAMENTO SOCIAL  | E  |
| Como você percebe isso?   |                                   |    |
| De todas as fontes de informação, em qual você mais confia? Por quê?  | FONTES DE INFORMAÇÃO              | DE |
| E em qual você menos confia? Por quê?   |                                   |    |
| O Brasil é um país muito desigual. Quais são as causas disso?   | CAUSAS DA DESIGUALDADE            | DA |
| Você é a favor ou contra a maioria penal? Por quê?  |                                   |    |
| Você acha que drogas mais leves, como a maconha, deveriam ser descriminalizadas?  | DROGAS E SEGURANÇA PÚBLICA        |    |
| E drogas mais pesadas? Por quê?   |                                   |    |
| Como é que o governo deveria lidar com os usuários de crack?  |                                   |    |
| O que você acha do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso?   | POLÍTICA                          |    |
| E do ex-presidente Lula? Por quê?   |                                   |    |



## 5. QUESTIONÁRIO BÁSICO E DIÁLOGO COM SURVEYS

---

Buscou-se garantir que os resultados de uma amostra intencional como a dessa pesquisa pudessem dialogar com pesquisas nacionais com representatividade estatística. Para isso, foi incluído no roteiro um questionário básico, dedicado a coletar informações sobre indicadores socioeconômicos como escolaridade, renda e ocupação. Após o preenchimento dos dados, todas as informações foram analisadas quanto à sua consistência e variáveis derivadas foram construídas. O quadro 2 apresenta uma síntese das variáveis constantes na base de dados da pesquisa derivados do questionário básico. Note-se que, para além destas, a base contém diversos indicadores advindos de escalas de atitudes e valores, que serão o objeto da próxima seção.

Com as informações do Questionário Básico, é possível, por exemplo, identificar qual posição qualquer dos entrevistados pela pesquisa Radiografia ocuparia num esquema de estratificação construído com base nas informações das PNAD ou do Censo Demográfico. Isso garante que os resultados dessa pesquisa possam ser utilizados em pesquisas futuras com método misto, interessadas em explorar, qualitativamente, discursos e trajetórias de vida a partir de pessoas que ocupam posições sociais delimitadas dentro de um esquema de estratificação amplo, construído com base em dados de *surveys* estatisticamente representativos. Em suma, além dos objetivos estritamente qualitativos, *compreensivos*, ou de descrição densa (Geertz, 1994) da realidade social brasileira tal qual vivida pelos seus atores, a estratégia de seleção dos entrevistados e a inédita quantidade de entrevistados permitem combinar a análise qualitativa tradicional com o estabelecimento de correlações estatísticas entre origens de classe, trajetórias de vida e a composição de capitais (econômico, cultural, social etc.) que estruturam formas díspares de inserção social.

Quadro2: Variáveis derivadas do questionário aplicado em conjunto com as entrevistas.

| VARIÁVEL                          | DEFINIÇÃO  |
|-----------------------------------|--|
| <b>Código_da_entrevista</b>       | Chave de identificação do entrevistado. A mesma chave nomeia o arquivo de texto com a transcrição da entrevista correspondente. Os três primeiros dígitos se referem ao entrevistador.   |
| <b>UF</b>                         | Unidade da Federação   |
| <b>REGIÃO_política</b>            | Agregação binária de UFs em "sul" e "norte": As macroregiões Sul, Sudeste, bem como o Distrito Federal, se referem à região "Sul" nesta variável   |
| <b>Faixa_Etária</b>               | Agregação da variável "idade" em 4 categorias contínuas (até 29 anos, 30-44, 45-59, 60+)   |
| <b>Idade</b>                      | Idade do entrevistado  |
| <b>Cor_raça_declarada</b>         | Cor ou raça declarada pelo entrevistado  |
| <b>Negro_agregação</b>            | Agregação das respostas "preto" e "pardo"  |
| <b>Negro_branco_binária</b>       | Variável binária resultante da agregação das respostas "preto" e "pardo" e da exclusão das respostas "amarelo" e "indígena"  |
| <b>Cor_raça_percebida</b>         | Cor ou raça imputada pelo entrevistador no momento da entrevista   |
| <b>heteroclassificação_racial</b> | Esta variável identifica entrevistados cuja autodeclaração de raça ou cor é distinta da percepção do entrevistador. Por exemplo, se o entrevistado se identifica como branco e o entrevistador o percebe como pardo, esta variável identificará "embranquecimento". NOTE QUE NÃO SE DEVE ADJUDICAR "REALIDADE" À UMA CLASSIFICAÇÃO EM RELAÇÃO À OUTRA. A variável busca simplesmente captar situações em que a heteroidentificação é distinta da autodeclaração. |
| <b>Sexo</b>                       | Sexo do entrevistado   |
| <b>Vive_com_conjuge</b>           | Variável binária. "Vive com cônjuge" quem coabita com outra pessoa com quem se tem uma relação conjugal, independente do status jurídico da relação.   |
| <b>Escolaridade_16_níveis</b>     | Nível de escolaridade mais alto alcançado pelo entrevistado. Vai desde "não frequentou escola" até "pós-doutorado completo", passando por "fundamental incompleto", "fundamental completo" etc.  |
| <b>Escolaridade_6_níveis</b>      | Redução da variável escolaridade em seis níveis, desde "sem instrução" a "pós graduação completa"  |
| <b>Qualificação_5_níveis</b>      | Redução da variável escolaridade em cinco níveis, buscando captar o grau de qualificação do entrevistado. Vai desde "sem qualificação" (que inclui todos os sem instrução e os que não   |

|  |  |
|--|--|
|  | completaram o ensino fundamental") até "especialista" (todos com alguma pós graduação completa), passando por "qualificação básica" (fundamental completo ou médio incompleto), técnico (médio completo ou superior incompleto) e profissional (superior completo ou pós-graduação incompleta)   |
| <b>CURSO_DE_GRADUAÇÃO</b>  | Nome do último curso de graduação concluído  |
| <b>Curso_de_pós-graduação</b>  | Nome do último curso de pós-graduação concluído  |
| <b>ULTIMO_CURSO_CONCLUÍDO_-<br/>_GRANDE_ÁREA_DE_FORMAÇÃO<br/>_(SE_MAIIS_DE_UM_=_MAIOR_ST<br/>ATUS)</b> | Nome do último curso de graduação ou pós-graduação concluído, agregado por grande área do conhecimento   |
| <b>PÚBLICO_OU_PRIVADO_ULTIMO_<br/>CURSO_CONCLUÍDO_-</b>  | Natureza pública (1) ou privada (2) do último curso concluído, quando disponível a informação  |
| <b>INSTITUIÇÃO_DE_ENSINO_ÚLTIM<br/>O_CURSO_CONCLUÍDO_-</b>   | Nome da instituição de ensino do último curso concluído, quando disponível   |
| <b>CLASSE_Jessé_4_NIVEIS</b>   | Identificação de classe social, imputada pelo entrevistador, com base na teoria de classes sociais no Brasil de Jessé Souza. As classes média alta e alta foram agregadas de sorte a ampliar o número de casos. A depender da análise esta agregação pode fazer sentido ou não.  |
| <b>CLASSE_Jessé_5_NIVEIS</b>   | Identificação de classe social, imputada pelo entrevistador, com base na teoria de classes sociais no Brasil de Jessé Souza. Inclui cinco categorias - Ralé Estrutural, Batalhadores, Classe Média, Classe Média Alta e Classe Alta  |
| <b>CLASSE_Santos</b>   | Imputação de classe socioeconômica, advinda das variáveis ocupacionais e de escolaridade disponíveis, com base na adaptação do esquema de classes de Erik Olin Wright para o Brasil proposto por José Alcides F. Santos (2005).  |
| <b>Renda_Bruta</b>   | Renda bruta declarada pelo entrevistado para o último mês. Note que a imensa maioria dos entrevistados faz ou fez parte da força de trabalho, o que, adicionado à localização das entrevistas (Regiões Metropolitanas) e à amostra intencional de ocupações típicas de classes médias e altas, com o intuito de atingir o ponto de saturação para estes grupos sociais, explica a renda comparativamente alta dos entrevistados. |
| <b>FAIXAS_DE_RENDA</b>   | Renda bruta declarada pelo entrevistado, por faixas de salário mínimo (menos de 1, 1 a 2, 2 a 5, 5 a 10, 10 a 20, 20+). Os valores coincidentes são classificados na faixa mais alta (isto é, 1 S.M. de renda = 1-2 S.M., 2 S.M. = 2 a 5 S.M. e assim por diante).   |
| <b>Situação_Ocupacional</b>  | Posição ocupacional do entrevistado na força de trabalho   |
| <b>DESFILIAÇÃO_SOCIAL-SECURITÁRIO</b>  | Variável binária que busca representar a condição do entrevistado frente à seguridade social. Desfiliações são os conta-própria, os empregados sem carteira assinada, os desempregados e os estudantes/bolsistas   |
| <b>PROPRIETÁRIO</b>  | variável binária. Proprietário é quem possui um bem empregado na produção econômica, seja uma barraca de cachorro quente ou uma indústria.   |

|                             |  |
|-----------------------------|--|
| <b>CONTRATA_TRABALHO</b>    | Variável com 4 respostas possíveis: trabalhador, conta-própria, pequeno empregador ou grande empregador. Na ausência de informações precisas sobre o número de empregados, "grande empregador" é aquele com renda de ao menos 10 salários mínimos. |
| <b>EXERCE_AUTORIDADE</b>    | Variável com 3 respostas: autônomo, chefe e empregado. "Chefe" corresponde a quem ocupa posição laboral de supervisão, gerência, e/ou direção do trabalho de outrem.   |
| <b>Nome_da_ocupação</b>     | Nome da ocupação do entrevistado   |
| <b>Código_da_Ocupação</b>   | Código ocupacional, conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)   |
| <b>entrevistador:_sexo</b>  | sexo do entrevistador (1 = FEMININO)   |
| <b>Entrevistador_código</b> | código do entrevistador  |

## 6. ESCALAS DE ORIGEM SOCIAL, DE ATITUDES E DE VALORES

O material coletado pela pesquisa Radiografia oferece um conjunto aberto de possibilidades para uma análise hermenêutica da dinâmica de classes. O roteiro da pesquisa foi elaborado de modo a obter não apenas informações sobre a trajetória de vida das pessoas, mas também expressões de seus valores e atitudes. Na verdade, a própria reconstrução da trajetória de vida pelo entrevistado constitui um exercício de narrativa. Tal reconstrução não apenas comunica ao pesquisador uma série de eventos da vida passada e presente do entrevistado, como expressa também, enquanto exercício narrativo, certas atitudes e valores. Dado isso, e levando-se em consideração o caráter multidimensional das entrevistas, pesquisadores poderão, no futuro, utilizar o material de formas inovadoras que não são possíveis prever de antemão.

A análise multidimensional de atitudes, de valores e de origem social de 313 entrevistados é, por conseguinte, uma parte importante da Radiografia do Brasil. Além de facilitar o trabalho de consulta do corpo de entrevistas, tal análise permite desvelar relações entre esferas muito distintas da vida social (criação familiar, vida escolar, trabalho, política, religião, relações conjugais) e o "patrimônio de disposições" sociopsíquicas que estruturam as relações dos

agentes sociais com o mundo. Espera-se, assim, contribuir para uma compreensão mais completa das relações de classe no Brasil, conectando-as tanto a “*contextos sociais e institucionais, que estão em relação de mútua interdependência em relação ao patrimônio de disposições para o comportamento dos sujeitos*” quanto aos “*ambientes sociais específicos que se reproduzem simbolicamente segundo estilos de vida e esquemas de representação do mundo semelhantes*” (Ipea, 2015).

Sua operacionalização se deu por meio da construção de escalas que consideraram, na sua elaboração, tanto experiências de pesquisas similares em outros países quanto uma análise exploratória do *corpus* de entrevistas (ver Rehbein, 2016). A partir disso foi elaborado um manual para os pesquisadores, expondo aspectos gerais sobre a metodologia utilizada e explicando cada uma das categorias (em anexo). A pontuação dos entrevistados nessas escalas foi realizada por pesquisadores com formação em ciências sociais ou áreas afins, após a leitura atenta das entrevistas; para aprimorar a validade na atribuição dos valores, cada entrevista foi pontuada, em cada categoria, por três pesquisadores diferentes, extraído-se um valor médio.

Como resultado, a base de dados quantitativa que acompanha as entrevistas transcritas (bem como a base agregada quali-quantitativa em formato Atlas.ti, exportável para xml), além das respostas fechadas do questionário citado, contém, para essas 313 entrevistas, os resultados da codificação. Os 39 itens que compõem esta base abordam fenômenos diversos, que podem ser subdivididos em sete macrodimensões:

- I. **Capital Socioeconômico:** busca mensurar duas dimensões fundamentais para a análise de classes: (i) o patrimônio pessoal, permitindo assim complementar um indicador de fluxo monetário (renda mensal), mais sujeito a variações ao longo do percurso de vida, com um de volume de capital; e (ii) capital social, considerando o tamanho, os recursos disponibilizados e as características das redes de contato.
- II. **Origem Socioeconômica;** busca mensurar a origem social e econômica do entrevistado, incluindo variáveis mais tradicionais (ocupação do principal responsável, residência em área rural) e três medidas de volume de capital – econômico, cultural e social – sendo, neste último caso, utilizada a

- afluência do entorno social (vizinhança, escola) como medida dos recursos disponibilizados pela rede de contatos.
- III. **Convivência Familiar na Infância:** busca qualificar as experiências de socialização primária por meio de informações padronizadas sobre as relações de cuidado afetivo na família de origem, tais como estímulo ao desenvolvimento, estabilidade do cuidado, vigilância, moralidade e violência doméstica.
- IV. **Disposições sociopsicológicas:** Busca captar elementos relacionados ao *habitus* (ver Rehbein, 2016). Consiste num conjunto de 14 categorias, construídas com base na pesquisa *Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland*, que abordam diversas atitudes que podem ser diacríticas de determinados estilos de vida. Esses estilos de vida podem estar relacionados a indicadores socioeconômicos (renda, escolaridade ou ocupação) de diferentes maneiras. Uma análise preliminar revela uma primeira dimensão (a mais explicativa) fortemente relacionada com o *status* econômico, sobretudo indicado pela educação. Outros componentes (com valores próprios superiores à unidade) são passíveis de interpretação em termos de estilos de vida e parecem mais relacionados a posições ocupacionais. O diálogo direto entre as categorias utilizadas no estudo e aquelas utilizadas em pesquisa realizada na Alemanha enseja a possibilidade de estudos comparativos de nível internacional.
- V. **Religião:** A vida religiosa das pessoas foi captada em duas dimensões. Uma referente ao quanto as pessoas se dedicam a práticas religiosas, como a frequência a cultos, por exemplo. A segunda refere-se ao quanto as pessoas acreditam na intervenção das deidades no mundo terreno, por oposição a uma visão mais transcendentalista. Investiga-se também, nesta segunda dimensão, e para aqueles que creem mais fortemente na intervenção do divino, as esferas da vida em que mais esperam essa intervenção (e.g. economia, saúde, família).
- VI. **Visão Política;** As categorias sobre visão política foram construídas com base em uma revisão crítica de estudos sobre o tema realizados a partir do *European Social Survey*. As categorias comportam três dimensões: (a) o igualitarismo em oposição aos discursos de justificação da desigualdade, (b)

o discurso intervencionista por oposição ao discurso de aversão à intervenção do Estado e (c) o discurso autoritário por oposição ao discurso liberal no domínio dos costumes.

- VII. **Relação Conjugal:** partindo da ideia de que as relações afetivas dão expressão a atitudes e valores bem consolidados nas pessoas, buscou-se aferir as relações com o cônjuge em três dimensões: (a) a estabilidade ou instabilidade do relacionamento, (b) a resolução violenta ou não violenta dos conflitos e (c) o caráter mais convencional ou mais liberal da vida conjugal. Essa análise permitirá explorar valores referentes às relações de gênero levando em consideração, por exemplo, o estilo de vida e os valores políticos.

Entende-se que esta base poderá subsidiar vários estudos futuros, como, por exemplo, uma análise multidimensional do perfil sociopsicológico das pessoas e da sua relação com o *status* socioeconômico, visando investigar as possíveis conexões, assim como as descontinuidades entre classe social e estilos de vida. As escalas, em conjugação com as variáveis quantitativas, podem servir ainda como ponto de entrada privilegiado no *corpus*, permitindo a seleção de entrevistas relevantes a objetos de pesquisa específicos (e.g. mulheres jovens submetidas a disciplinamento parental violento, trabalhadores por conta própria que acreditam na intervenção divina no campo econômico) ou para comparação entre grupos (e.g. pessoas de classe média com origem de classe baixa x pessoas de classe média com origem de classe média alta, meritocratas x igualitaristas etc.).

A confiabilidade da escala foi averiguada, para cada categoria, por meio da concordância entre as atribuições dadas por cada pesquisador para cada entrevista, extraíndo-se assim o coeficiente de correlação intraclasse (ICC). O ICC médio, considerando todas as escalas, foi 0,7. Dezesete categorias obtiveram um ICC entre 0,6 e 0,79, e outras doze obtiveram um coeficiente igual ou superior a 0,8. Entretanto, sete categorias não atingiram o patamar de 0,6, e devem ser utilizadas com maior parcimônia. Os valores específicos do ICC para cada item estão no anexo.

O quadro 3 abaixo apresenta e explica os atributos abordados nas escalas. Em alguns casos, foi incluído, abaixo da nomeação do atributo na base de dados, um conceito sintético, para além da descrição detalhada do atributo na coluna da direita. Os itens com ICC abaixo de 0,6 foram marcados em vermelho, e os itens com ICC igual ou superior a 0,8 em azul.

Quadro 3: atributos das escalas de origem social, de atitudes e de valores, por dimensão.

| <b>I. Capital Socioeconômico</b> |   |
|----------------------------------|---|
| <b>Patrimônio</b>                | Pontuação com base no nível global de patrimônio da pessoa, o que inclui diferentes ativos: bens imóveis (a começar pela casa própria ou não), poupança, investimentos, bens móveis como carros ou mobília de alto valor. O valor 1 corresponde a alguém que não tem patrimônio. O valor 5 corresponde a um montante estimado acima de um milhão de reais.  |
| <b>Redes_de_contatos_</b>        | Nível de capital social, ou seja, de relações sociais úteis, facilitadoras quanto às chances de vida. Consideraram-se especialmente parentes, cônjuge, família do cônjuge, amigos, colegas e o quanto esses contatos foram importantes na história de vida narrada pelo entrevistado, sobretudo no que se refere à sua trajetória escolar e profissional.   |
| <b>Recursos_da_rede</b>          | Nesse item, o que se mede é o "montante" de recursos sociais, sobre o qual "rica" é a rede de contatos de uma pessoa. Note-se que as redes podem ser relevantes, mesmo mobilizando baixos recursos, de sorte que este item é distinto do item anterior. Por exemplo: alguém pode ter contado com as redes de contato para conseguir trabalho num momento decisivo, sendo esse trabalho precário ou de baixa remuneração. As redes aqui foram muito relevantes, mesmo mobilizando recursos baixos (um emprego ruim). A questão é que conseguir o trabalho foi algo decisivo.                         |
| <b>Qualidade_dos_laços</b>       | O item mede se o capital social mobilizado durante a trajetória da pessoa foi mobilizado mais através de laços fortes ou de laços fracos. As opções vão da exclusividade de laços próximos (valor 1) à exclusividade de laços com pessoas mais distantes (valor 5). Quando se fala em capital social, há uma distinção importante entre laços fortes e laços fracos. Laços fortes são laços com maior teor afetivo, em geral, ligando as pessoas com um nível considerável de intimidade: parentes, amigos próximos, etc. Laços fracos são vínculos de mútua confiança que não envolvem intimidade. |
| <b>II. Origem Socioeconômica</b> |   |



|  |  |
|--|--|
| <b>Ocupação_do_Principal_Responsável</b>                                     | Considera-se principal responsável a pessoa que, durante a maior parte da infância e adolescência do entrevistado contribuiu com a maior renda para o sustento da família, ou seja, aquela pessoa com maior peso como "provedor" familiar. Note que essa pessoa pode ser o pai, a mãe, uma avó, etc. Esse item é de resposta aberta.   |
| <b>Residência_da_Família_de_Origem (ruralidade)</b>                          | Define se a pessoa é de extração rural (0) ou urbana (1). Imputa-se origem rural se a migração para a cidade ocorrer após completados seis anos de idade.  |
| <b>Capital_Econômico (de origem)</b>   | Posição econômica da família de origem do entrevistado. Mais do que a renda, se considera o patrimônio de maneira geral e até mesmo as informações que tiverem sobre outros parentes próximos ou os avós do entrevistado. Se a família extensa de origem é toda mais endinheira, isso também deve contar para fins de classificar a família nuclear de origem. Muito Alto (5) o nível de capital econômico daqueles que você diria estarem entre os 10% mais ricos. Como Alto (4), os que você consideraria estarem entre os 70% e os 90% mais ricos. Como Médio (3), considere os que estariam na faixa entre os 40% e os 70%. Como Baixo (2), aqueles entre os 20% e os 40%. Como Muito Baixo (1), os que estariam entre os 20% mais pobres. |
| <b>Capital_Cultural (de origem)</b>  | Julga o ambiente familiar global da família de origem em relação à cultura. Considera-se não apenas a escolarização formal, mas todas as formas de capital cultural presentes na socialização familiar.  |
| <b>Ambiente_Social_na_Infância (afluência do entorno social na infância)</b> | Julgamento sobre o nível socioeconômico, considerando em conjunto as dimensões econômica e cultural, do ambiente social mais extenso em que a pessoa viveu durante a infância. Leva-se em conta ambientes e momentos que parecem ter sido mais cruciais, seja porque o entrevistado vivia mais tempo ali, seja porque ali os laços e o envolvimento afetivo parecem ter sido mais intensos. Por exemplo: os amigos na escola, a vizinhança, as interações cotidianas.  |
| <b>Percepção_da_Infância (percepção das condições de vida)</b>               | Como o próprio entrevistado percebe e avalia as condições sociais de sua vida durante a infância. É extremamente comum as pessoas usarem expressões como "era muito difícil", "era apertado", ou então, "nunca passamos apertado", "foi tranquilo", para expressarem essa percepção. A escala vai de 1 (muito difícil) até 5 (muito fácil)   |
| <b>III. Convivência familiar na infância</b>                                 |  |
| <b>Instável_x_Estável (estabilidade do cuidado afetivo)</b>                  | Trata-se do quanto, durante o tempo em que viveu sob os cuidados da família de origem, o entrevistado experimentou choques devidos a rupturas e rearranjos na vida familiar. Não se trata da família ser ou não "estruturada" aos moldes da família nuclear, mas sim da estabilidade das relações de cuidado para com o entrevistado. O que se quer identificar não são eventos como divórcio, migração, rearranjos familiares por si mesmos, mas o quanto quaisquer eventos estressaram a estrutura familiar, o quanto eles provocaram rupturas ou deterioração nas relações de cuidado afetivo.  |

|  |  |
|--|--|
| <b>Distante_x_Vigilante_</b><br><b>(vigilância parental)</b>                         | Mede a sistematicidade e à intensidade da monitoração exercida pela família de origem sobre o entrevistado. No limite da vigilância, há um monitoramento ostensivo e sistemático durante a infância e a adolescência. No limite da distância está a negligência com relação ao controle do uso do tempo.   |
| <b>Violento_x Comunicativo</b><br><b>(disciplinamento parental violento)</b>         | Qualidade das interações pelas quais o disciplinamento acontecia na família de origem. No extremo do comunicativo, está o uso exclusivo da palavra para disciplinar sem o uso auxiliar de qualquer tipo de demonstração de raiva. No extremo da violência está o uso sistemático do contato físico e mesmo o espancamento.   |
| <b>Conservador_x Liberal</b><br><b>(tradicionalismo moral)</b>                       | Trata-se da dimensão da moralidade dos costumes. Procura identificar quão convencionais eram os valores a respeito do comportamento, que guiavam as relações de cuidado na família de origem. Observa concepções sobre comportamento de gênero, sobre o tipo de gestos de deferência e de respeito se esperava que fossem dirigidos aos pais e aos mais velhos em geral, sobre o intercurso com outras pessoas para além da esfera da família, etc. Famílias mais conservadoras tendem a relações de teor mais autoritário entre os mais novos e os mais velhos, naturalizar valores “tradicionalistas” com relação a gênero, a relações raciais, ao intercurso com outras classes sociais, etc.   |
| <b>Desestimulante_x Estimulante</b><br><b>(estímulo ao desenvolvimento infantil)</b> | O ambiente familiar estimulante é aquele em que há estímulo sistemático, por parte dos outros significativos, para que a pessoa desenvolva suas faculdades físicas, intelectuais e afetivas. Os estímulos vão do incentivo verbal ao acompanhamento em atividades práticas, da palavra de apoio ao ato de estar junto no fazer das lições de casa, acompanhando o filho na prática de algum esporte, etc. Quanto mais presentes esses elementos, sobretudo os estímulos práticos, mais pontuado enquanto estimulante   |
| <b>IV. Perfil sociopsicológico</b>   |  |
| <b>Inseguro_x Autoconfiante</b><br><b>(autoconfiança)</b>                            | A autoconfiança consiste numa convicção espontânea nas próprias virtudes e capacidades. O autoconfiante é aquele que se crê capaz, seja profissionalmente, seja socialmente, seja esteticamente. Ser autoconfiante não significa se achar perfeito ou sempre o melhor, mas em sentir-se confiante em suas próprias forças e atributos. Contudo, no extremo, a autoconfiança pode sim carregar-se de uma inabilidade para a autocrítica. O inseguro é o oposto. Não confia em suas próprias forças nem em seu próprio intelecto. Extrema, a insegurança leva a uma inabilidade para reconhecer em si mesmo as virtudes mais patentes. Autoconfiança e insegurança tendem a se manifestar bastante nas interações sociais, sobretudo aquelas que envolvem algum grau ou a expectativa de intimidade. |
| <b>Coletivista_x Individualista</b><br><b>(sociabilidade)</b>                        | O coletivista manifesta tendência geral à sociabilidade. Procura, por exemplo, em seu tempo livre, atividades que envolvam outras pessoas. Gosta de trabalhar em grupo. O individualista, pelo contrário, prefere atividades solitárias. Foram consideradas, para interpretação, atividades tanto no trabalho, quanto na escola, quanto no tempo livre.  |
| <b>Heteronômico_x Autônomo</b><br><b>(autonomia)</b>                                 | A autonomia é a tendência a acreditar na própria capacidade de alterar o curso dos fatos e das circunstâncias. O autônomo situa sua interioridade enquanto lócus de controle. O autônomo não necessariamente nega a existência de circunstâncias coercitivas, mas pode chegar a isso em casos extremos. Já o   |

|   |   |
|---|---|
|   | heteronômico enfatiza as causas externas, sejam elas místicas, sociais ou materiais. Nas relações sociais, a heteronomia é uma tendência a atribuir a outras pessoas a responsabilidade pelo próprio destino e pelas próprias ações.  |
| <b>Pessimista_x_Otimista (otimismo)</b>                                   | O otimista mantém sistematicamente expectativas positivas sobre sua vida e o curso dos fatos. No limite, “acredita que tudo vai bem quando tudo vai mal”, como diz Voltaire. Já o pessimista é o contrário. No extremo, acredita que tudo vai mal quando tudo vai bem.  |
| <b>Passivo_x_Ativo (passividade)</b>                                      | O ativo tende a agir no sentido de obter os resultados que deseja, aquilo que quer para si mesmo ou para outrem. Já o passivo tende à inação ou à expectativa sistemática de que outros façam as coisas por ele.  |
| <b>Ascético_x_Hedonista (hedonismo)</b>                                   | O hedonista dedica-se mais às práticas que recompensam os sentidos, está voltado à diversão, à sensualidade. O hedonista não é necessariamente o indisciplinado; é, de maneira geral, alguém que concede ao prazer, à fruição, um lugar de destaque em sua hierarquia de valores.   |
| <b>Idealista_x_Pragmático (pragmatismo)</b>                               | O pragmático tende a se guiar pelo valor estratégico das suas ações tendo em vista uma finalidade definida. Já o idealista tende a procurar por práticas que, para ele, tenham valor intrínseco, sobretudo um valor “espiritual”.   |
| <b>Atividade_Intelectual_x_Atividade_Física_(intelectualismo)</b>         | Observa se a pessoa dedica seu tempo mais a atividades físicas ou intelectuais. Considera práticas que se deem em circunstâncias em que haja margem de escolha. Um trabalhador braçal se dedica mais a atividades físicas, mas não por uma escolha que faça no presente. Não se trata apenas de esportes. Danças e saídas à noite podem ser consideradas atividades físicas. Não se trata aqui do cuidado com o corpo, mas do uso do corpo. Por outro lado, saídas para diversão também podem ser consideradas atividades intelectuais. Por exemplo: a pessoa sai à noite para dançar ou sai mais apenas para sentar e conversar? |
| <b>Experimental_x_Tradicional (experimentalismo)</b>                      | Aspectos gerais do estilo de vida do entrevistado, sobretudo no consumo. Por “experimental” entende-se um conjunto de traços associados a práticas expressivas emergentes nos campos da alimentação (vegetarianismo, veganismo, etc.), do turismo (itinerários exóticos), da moda (tendências não convencionais), das atividades culturais (esoterismo, etc.). Já o polo “tradicional” se conecta a um estilo de vida mais convencional.  |
| <b>Orientado_à_Família_x_Orientado_a_si_Mesmo (familismo)</b>             | Avalia se o entrevistado orienta seus projetos de vida em função de si, ou seja, de metas e projetos próprios ou se os enxerga em função de seu contexto familiar, considerando os outros significativos. Não se trata da presença da família enquanto meio, dando suporte às realizações e aos projetos do entrevistado, mas à sua presença enquanto finalidade, enquanto um fim por relação ao qual esses projetos de vida e essas realizações se orientam.   |
| <b>Insatisfeito_x_Satisfeito (satisfação com a vida)</b>                  | Percepção relacional de bem estar. “Satisfação” e “insatisfação” referem-se a como o entrevistado julga sua vida. Note que ele fará esse julgamento sempre à luz do seu passado, das suas expectativas de futuro e também à luz da situação de outras pessoas que ele observa ao seu redor.   |
| <b>Orientado_a_Objativos_x_Sem_Orientação (comportamento estratégico)</b> | Se refere ao comportamento estratégico. A estratégia existe tanto em estado subjetivo (enquanto um planejamento mais ou menos refletido) quanto em estado objetivo, na organização do próprio ambiente social em que a pessoa se insere. Ambos os estados da  |

|  |   |
|--|---|
|  | estratégia, tanto o subjetivo quanto o objetivo, forma considerados.  |
| <b>Indisciplina _x_ Disciplina</b>   | Se além à dimensão disciplinar do <i>habitus</i> , isto é, em que medida a dimensão cotidiana da vida social se encontra racionalizada, padronizada, uniformizada e organizada. Apesar de ser um conceito abstrato, assim como o concernente aos objetivos de vida, a “disciplina” e a “indisciplina” encontram seu foco em diferentes esferas da vida social, como trabalho, trajetória escolar, disposições econômicas etc.   |
| <b>Fraco_ethos_do_Trabalho_x_Forte_ethos_do_trabalho_(ética do trabalho)</b> | Esta escala mede com qual intensidade a esfera do trabalho cumpre sua função social na trajetória dos entrevistados. Basicamente, tenta perceber em que extensão a esfera do trabalho ocupa na vida da pessoa, não apenas em termos de tempo, como também de energia, de expectativas e de convívio social.   |
| <b>V. Religião</b>   |   |
| <b>Indiferença_x_Envolvimento (engajamento religioso)</b>                    | Refere-se à extensão da vida religiosa das pessoas. Considera não apenas o tempo que a pessoa dedica à atividade religiosa, mas também o quanto suas relações sociais estão ou não imbricadas na vida religiosa. No extremo do envolvimento, temos alguém que frequenta assiduamente os cultos e restringe seu círculo social ao círculo religioso. No outro extremo está alguém que não se filia a qualquer igreja. Note que não está em questão o que às vezes se chama de religiosidade, por diferença à religião. Mais especificamente: o fato de uma pessoa acreditar na existência de uma esfera transcendente e sentir certo contato existencial com ela, mas não praticar nenhuma religião, não é considerado como envolvimento.  |
| <b>Intervencionismo_x_Transcendentalismo (intervencionismo divino)</b>       | Distinção que a teoria clássica trata com base na disjuntiva entre religião e magia. No polo intervencionista (“mágico”) acredita-se que as deidades atuam nesse mundo, alterando o curso dos fatos. Mais ainda, crê-se que nos é possível, enquanto humanos, reivindicar a elas esse tipo de intervenção de modo a satisfazer nossos anseios. No extremo, o intervencionista é alguém que vê nos deuses apenas um meio para realizar suas vontades. O transcendentalismo é o polo que descreve a atuação das deidades no curso dos fatos desse mundo. Não que não haja possibilidade de acesso aos Deuses. É que esse acesso estaria circunscrito à interioridade, à oração silenciosa que levaria a conversar com a entidade divina, que a convidaria a nos ouvir e a confortar nossas aflições ou aclarar nossos pensamentos. No extremo, o transcendentalista não pede aos deuses nada que envolva uma modificação no curso dos fatos desse mundo. Ele pode pedir inspiração, mas não a operação de milagres. |
| <b>Primeira_Esfera (de intervenção divina)</b>                               | Neste item, está em questão a esfera da vida em que a pessoa espera maior atuação das forças divinas. Trabalhamos com as seguintes opções: Família: problemas, conflitos e aspirações com relação a conjuges e filhos; dimensão erótica da vida familiar. Saúde: problemas de saúde que o religioso acredita poder resolver com a intervenção do sagrado; Economia: problemas e aspirações relacionadas ao mundo do trabalho, do consumo e da atividade empresarial e da vida financeira em geral. Outros: alguma outra   |

|  |   |
|--|---|
|  | esfera da vida como educação, política.   |
| <b>Segunda_Esfera (de intervenção divina)</b>        | IDEM ACIMA. Neste item, está em questão a esfera da vida em que a pessoa espera maior atuação das forças divinas. Trabalhamos com as seguintes opções: Família: problemas, conflitos e aspirações com relação a conjuges e filhos; dimensão erótica da vida familiar. Saúde: problemas de saúde que o religioso acredita poder resolver com a intervenção do sagrado; Economia: problemas e aspirações relacionadas ao mundo do trabalho, do consumo e da atividade empresarial e da vida financeira em geral. Outros: alguma outra esfera da vida como educação, política.   |
| <b>VI. Visão Política</b>                            |   |
| <b>Meritocracia_x_Igualitarismo_ (Igualitarismo)</b> | Todos nós vivemos em uma sociedade em que o valor do mérito individual, através do esforço e do talento, está institucionalizado. Portanto, o que se trata aqui por igualitarismo não é uma concepção totalmente contraposta a argumentos meritocráticos. Na verdade, a meritocracia não é apenas uma fonte de legitimação da desigualdade, mas também um ideal regulador que pode ser mobilizado para condenar vários tipos de iniquidade. No discurso de uma pessoa, a meritocracia pode surgir sempre para justificar o fato de que uns ganham mais do que outros, têm mais prestígio do que outros, etc. Outra pessoa, contudo, pode mobilizar a ideia de meritocracia mais para criticar as desigualdades existentes: questionar a desigualdade de oportunidades, de pontos de partida, denunciar discriminações por gênero ou raça, que imprimem desvantagens a despeito do mérito, enfim. O que chamamos de igualitário comporta essa última vertente do argumento meritocrático, quer dizer, pessoas que mobilizam a meritocracia como argumento de crítica. O que rotulamos de “meritocracia” corresponde à primeira vertente, mais voltada à legitimação das desigualdades existentes, ou seja, discursos em que a meritocracia surge mais como uma explicação para o atual estado de coisas. |
| <b>Intervencionismo_x_Espontane ísmo (Estatismo)</b> | Essa dimensão procura estimar o quanto a pessoa apoia ou se contrapõe a que o Estado intervenha nas relações sociais, sobretudo naquelas que tangem à vida econômica. O intervencionista radical apoia a estatização de empresas, as taxações e sempre enfatiza a ação do Estado como via de solução para os problemas sociais. O seu radical oposto é contra todo tipo de intervenção estatal, inclusive intervenções para minimizar situações de miséria ou para equilibrar relações assimétricas de força na sociedade civil, como é o caso da regulamentação trabalhista.   |
| <b>Autoritarismo_x_Libertarismo (Autoritarismo)</b>  | Essa dimensão se refere à interseção entre a política e uma moralidade voltada ao campo dos costumes e da sociabilidade. Os libertários acreditam na ampla liberdade de escolha, no pluralismo, e dão ênfase ao valor da autoexpressão. Já o autoritarismo é caracterizado pela crença de que a sociedade deveria manter padrões morais e culturais mais rígidos, aceitando, portanto, maiores limitações na liberdade individual, sobretudo na liberação de expressões idiossincráticas, em nome de uma maior coesão social. Alusões elogiosas a valores tidos como consagrados no   |

|  |  |
|--|--|
|  | passado em contraposição a uma decadência moral no presente são sinais diacríticos da visão mais autoritária.  |
| <b>VII. Relação Conjugal</b>                                     |  |
| <b>Instabilidade_x_Estabilidade<br/>(Instabilidade conjugal)</b> | A união instável é aquela frequentemente abalada por crises. As relações de cuidado mútuo se desfazem ou se fragilizam com facilidade ou frequência. O fato de passar por crises não é em si um sintoma de instabilidade, mas sim o modo de reagir às crises e vivenciá-las. A questão é o quanto as relações de cuidado e as noções de responsabilidade mútua se mantêm ao longo do tempo. A família estável se caracteriza tanto pela raridade de crises quanto pela resistência às crises, ou seja, pelo fato das crises não desfazerem as já aludidas relações de cuidado e de responsabilidade entre os cônjuges.   |
| <b>Violento_x Comunicativo_<br/>(Violência doméstica)</b>        | Aqui consideramos o tema da violência doméstica. É importante ter em mente que violência doméstica contém, mas não coincide sempre com violência contra a mulher. A violência pode ocorrer também da mulher para o homem, de diferentes maneiras. Tão importante o quanto é noção limitar violência à violência física. A violência pode ser simbólica, exercida sobretudo através da palavra. Comportamentos dirigidos a humilhar o outro, a atingir seu senso de dignidade enquanto mulher, enquanto homem ou qualquer outra condição de gênero devem ser considerados violência. O casal comunicativo é, por sua vez, aquele que procura recorrer ao diálogo para resolver seus conflitos.                              |
| <b>Tradicional_x Liberal<br/>(Patriarcalismo laboral)</b>        | Chamam-se por tradicionais, primordialmente, os cônjuges entre os quais há uma divisão do trabalho de caráter convencional fortemente vinculada à condição de gênero de cada um dos pares. O que está em jogo são exatamente as concepções de gênero que informam a relação entre os cônjuges de maneira geral. A questão é que a divisão sexual do trabalho expressa essas concepções na prática, de maneira bastante incisiva. É importante considerar sutilezas, o fato de a mulher trabalhar é importante e tão mais importante quanto maior a relevância da sua renda no sustento geral da família. Um trabalho apenas complementar é uma coisa diferente de um trabalho que cumpre papel central no sustento do lar. |

A análise do quadro aponta que, na dimensão “capital socioeconômico”, os atributos relacionados ao tamanho da rede de contatos e às características desta rede (laços próximos ou distantes) se mostraram menos confiáveis do que a medida do *volume* de capital social, que considera não apenas o tamanho da rede como também os recursos sociais disponibilizados por ela. Por sua vez, a medida de capital econômico por excelência (patrimônio) se mostrou particularmente consistente.

Note-se que, dos três principais tipos de capital (cf. a tipologia proposta originalmente por Pierre Bourdieu), o capital social é o de mais difícil apreensão sem o recurso a instrumentos específicos de construção de redes sociais, de sorte que ser capaz de apreendê-lo com grau de confiabilidade regular é um ponto a ser ressaltado. Por sua vez, o patrimônio é uma medida muito importante para a construção de um indicador de capital econômico, que pode, é claro, incluir também outros dados disponíveis, como a renda mensal e a propriedade de bens econômicos. Sobre o capital cultural, este é tradicionalmente medido por meio do seu componente mais relevante, o título escolar. Neste quesito, a base de dados indica, para além do título escolar, informações que auxiliam a diferenciar, entre aqueles com ensino superior, os que frequentaram universidades e cursos de maior prestígio. Além disso, as próprias entrevistas fornecem outras informações relevantes ao capital cultural, como os hábitos de lazer, os gostos musicais e literários, além da própria amplitude do vocabulário.

Quanto à dimensão “origem socioeconômica”, todas as categorias apresentaram alta confiabilidade<sup>12</sup>, o que aponta ser a pesquisa extremamente promissora para análises de reprodução e/ou mobilidade social intergeracional. Além disso, a capacidade de distinguir entre capital econômico e cultural da família, bem como a afluência do entorno social mais amplo (escola, bairro, outros espaços de socialização) abre uma dimensão analítica relevante acerca dos processos de “conversão” (Bourdieu, 1984) ou recomposição de capitais ao longo da trajetória da pessoa.

Os atributos que buscaram captar valores e práticas de convivência familiar na infância também se mostraram particularmente confiáveis. A exceção fica por conta do conservadorismo, que buscou captar a deferência aos mais velhos, a rigidez de papéis de gênero e o isolamento de contato com outras classes na criação. Entre os atributos que se mostram particularmente confiáveis destaca-se o estímulo ao desenvolvimento infantil, bem como a intensidade e a estabilidade do cuidado. É interessante notar que estes três atributos, pouco considerados em análises de classe, se mostraram altamente correlacionados com o capital econômico e cultural na vida adulta, bem como com a atual posição de classe no

---

<sup>12</sup> Não se mediu o ICC para a ocupação do responsável.

sentido proposto por Olin Wright, que inclui qualificação, exercício de autoridade no ambiente de trabalho, propriedade de bens de produção (Santos, 2005).

Os itens que buscam medir disposições sociopsíquicas apresentam uma confiabilidade entre fraca e regular. Especial cuidado deve ser tomado na consideração de atributos tais como sociabilidade, autonomia, pragmatismo e experimentalismo, que tiveram ICC inferior a 0,6. É interessante notar que os atributos que se mostraram menos confiáveis são relacionados ao estilo de vida. Uma explicação possível para isso vem do próprio relato dos pesquisadores que codificaram as entrevistas, que enfatizaram o quanto certas dicotomias, relacionadas a possibilidades expressivas típicas das classes médias e altas, simplesmente não se faziam presentes entre as classes mais baixas (ralé e batalhadores). Por outro lado, itens relacionados ao *habitus* primário (autoconfiança, passividade, otimismo, intelectualismo) ou a esferas centrais da vida social, como família e trabalho (familismo, disciplina, ética do trabalho) mostraram-se mais confiáveis.

Nas dimensões “religião”, “visão política” e “relação conjugal” nenhum item obteve índice abaixo de 0,6. No caso da religião, nota-se que a dedicação à vida religiosa, ou o grau de envolvimento, mostrou-se particularmente confiável. Quanto à política, tanto igualitarismo quanto autoritarismo mostraram-se altamente confiáveis.

## PARTE 2: MÉTODOS DE ACESSO AOS DADOS DA RADIOGRAFIA DO BRASIL

---

Documentos em formato *Word*, complementares a este relatório, apresentam a transcrição das 632 entrevistas, devidamente editadas de forma a uniformizar parágrafos correspondentes às falas dos entrevistados e entrevistadores. Ainda, o roteiro das entrevistas e as orientações para os entrevistadores (todos eles pesquisadores com formação em Ciências Sociais ou áreas afins) também estão disponíveis.



Todas as entrevistas foram identificadas por chaves numéricas de seis dígitos. Essas chaves permitem a conexão entre a base de dados quantitativa (contendo indicadores derivados tanto do questionário básico aplicado quanto da marcação das escalas sociais) com a base qualitativa, que são as entrevistas transcritas e cujo nome de arquivo é a própria chave numérica.

Para além das bases separadas, é possível, ao pesquisador familiarizado com *softwares* de análise qualitativas de dados, acessar os textos e os dados numéricos de forma conjugada, por meio de um arquivo legível no *software* Atlas.ti. Embora a edição dos dados exija uma licença (a qual o Ipea possui), a visualização e edição limitada é permitida na versão *trial* do aplicativo, ou seja, acessível a todos. Além disso, o formato do arquivo é baseado em XML, que é uma linguagem de marcação amplamente utilizada e que permite a codificação de “*tags*” e atributos nos arquivos. Esta característica permite a transferência da base para uma aplicação de acesso mais universal, tal como uma plataforma digital de acesso às entrevistas, onde pesquisadores possam busca-las de acordo com filtros referentes aos indicadores socioeconômicos e demográficos já aludidos. A possibilidade de construir esse tipo de plataforma já foi averiguada junto à equipe de Tecnologia da Informação do IPEA, que confirmou a possibilidade.

Cabe notar, entretanto, que, para a disponibilização, as entrevistas terão que passar também por um processo de desidentificação, e mesmo assim, seu acesso deverá ser relativamente restrito a pesquisadores que solicitarem acesso e forem cadastrados, devido às informações sensíveis contidas.

## 7. BUSCA TEMÁTICA NO BANCO DE DADOS

---

A riqueza do material de pesquisa impõe ao potencial usuário um desafio: com mais de 600 entrevistas, cada uma com mais de 50 laudas em média, como identificar falas relevantes sem se submeter ao esforço hercúleo de ler e analisar todo o material? O banco de dados da pesquisa (incluindo transcrições das entrevistas, dados do questionário básico, escalas e arquivo legível no software

Atlas.ti) foi construído com o objetivo explícito de viabilizar aos usuários a busca de entrevistas e mesmo de segmentos de fala por incidência temática.

Sugere-se três estratégias disponíveis, que podem, obviamente, serem combinadas entre si, bem como com as estratégias usuais (manuais) de seleção/codificação de dados qualitativos. Elas serão discutidas a seguir, seguidas de uma seção com um exemplo de análise a partir do tema “gosto musical”.

---

### ESTRATÉGIA 1: FILTROS DE SELEÇÃO TEMÁTICA DE ENTREVISTAS RELEVANTES, COM BASE NAS ESCALAS E NO QUESTIONÁRIO FECHADO.

---

Acerca da primeira estratégia, a ideia motriz é facilitar o acesso ao material qualitativo a partir de uma análise prévia dos dados quantitativos e das escalas atitudinais. Em particular, as escalas de atitude, que pontuam valores numéricos de -5 a +5 (excluindo-se o zero) para categorias dicotômicas de atitudes, disposições e propensões (exemplo: autoritário x libertário; fraco x forte ethos do trabalho; pessimista x otimista) possibilitam uma seleção prévia do material qualitativo.

Assim, é possível, por exemplo, desenhar uma pesquisa focada em pessoas com mobilidade social ascendente (utilizando-se das informações sobre capital de origem, patrimônio, recursos da rede, escolaridade, renda, ocupação etc.), que busque investigar os mecanismos de ascensão. É possível, inclusive, subdividir o corpus de entrevistas de forma a obter pessoas com determinadas características e certa heterogeneidade, como sugere Small (2009) (e.g. pessoas cujo capital cultural/escolar é muito superior à família de origem, pessoas de origem rural, pessoas mais jovens e mais idosas etc), ou criar uma estratégia comparativa, incluindo um segundo grupo formado por pessoas com mobilidade social descendente (que pode, por óbvio, também se valer de filtros de heterogeneidade).

Vejamos um exemplo completo, passo a passo. Imaginemos um eventual grupo de pesquisa gostaria de debruçar-se sobre o material qualitativo da pesquisa com o objetivo de estudar as relações entre renda e qualidade de vida conjugal.

**Passo 1.** A planilha de dados do questionário básico permite uma pré-seleção de entrevistas a partir da variável renda, o que permite selecionar um número x de entrevistados divididos em determinados intervalos de renda; e, ainda, selecionar os entrevistados que vivem ou não com o cônjuge. No recorte da tabela (figura 1) abaixo, podemos visualizar as informações disponíveis no banco de dados quantitativo de interesse para os interesses hipotéticos do grupo de pesquisa em questão: i) na coluna A o código da entrevista; ii) na coluna E a renda mensal declarada pelo entrevistado; iii) na coluna I as informações relativas à vida conjugal (se o entrevistado vive ou não com o cônjuge).

Figura 1: variáveis de interesse para seleção de entrevistas.

|    | A      | B   | C  | D               | E             | F                      | G  | H         | I                      |
|----|--------|-----|----|-----------------|---------------|------------------------|----|-----------|------------------------|
| 59 | 103107 | 103 | PE | Batalhadores    | R\$ 6.000,00  | Superior Incompleto    | 40 | Masculino | Vive com conjuge       |
| 70 | 103108 | 103 | PE | Classe Média    | R\$ 10.000,00 | Superior completo      | 44 | Masculino | Não tem conjuge        |
| 71 | 103109 | 103 | PE | Batalhadores    | R\$ 2.000,00  | Médio completo         | 41 | Masculino | Não tem conjuge        |
| 72 | 103110 | 103 | PE | Batalhadores    | R\$ 3.000,00  | Superior completo      | 28 | Feminino  | Não tem conjuge        |
| 73 | 103111 | 103 | PE | Batalhadores    | R\$ 5.000,00  | Médio completo         | 33 | Masculino | Vive com conjuge       |
| 74 | 103112 | 103 | PE | Classe Média    | R\$ 6.000,00  | Superior completo      | 31 | Masculino | Vive com conjuge       |
| 75 | 103113 | 103 | PE | Batalhadores    | R\$ 5.000,00  | Fundamental Completo   | 56 | Feminino  | Não tem conjuge        |
| 76 | 103114 | 103 | PE | Classe Média    | R\$ 20.000,00 | Superior completo      | 44 | Feminino  | s não vive com conjuge |
| 77 | 103115 | 103 | PE | Classe Média    | R\$ 11.000,00 | Superior completo      | 49 | Feminino  | Não tem conjuge        |
| 78 | 103116 | 103 | PE | Batalhadores    | R\$ 1.400,00  | Superior completo      | 26 | Masculino | Vive com conjuge       |
| 79 | 103117 | 103 | PE | Ralé Estrutural | R\$ 788,00    | Fundamental Incompleto | 57 | Feminino  | Não tem conjuge        |
| 30 | 103118 | 103 | PE | Ralé Estrutural | R\$ 2.364,00  | Médio completo         | 24 | Masculino | Vive com conjuge       |
| 31 | 103119 | 103 | PE | Ralé Estrutural | R\$ 1.500,00  | Médio completo         | 26 | Masculino | s não vive com conjuge |
| 32 | 103120 | 103 | PE | Classe Média    | R\$ 6.000,00  | Superior completo      | 62 | Feminino  | Não tem conjuge        |
| 33 | 103121 | 103 | PE | Batalhadores    | R\$ 3.000,00  | Superior completo      | 26 | Masculino | Vive com conjuge       |
| 34 | 103122 | 103 | PE | Classe Média    | R\$ 3.000,00  | Superior completo      | 29 | Feminino  | Vive com conjuge       |
| 35 | 103123 | 103 | PE | Classe Média    | R\$ 4.500,00  | Superior completo      | 51 | Feminino  | Não tem conjuge        |
| 36 | 103124 | 103 | PE | Classe Média    | R\$ 800,00    | Superior completo      | 29 | Masculino | s não vive com conjuge |
| 37 | 103125 | 103 | PE | Batalhadores    | R\$ 2.000,00  | Superior completo      | 28 | Feminino  | s não vive com conjuge |
| 38 | 103126 | 103 | PE | Classe Média    | R\$ 20.000,00 | Superior completo      | 30 | Masculino | Vive com conjuge       |
| 39 | 103127 | 103 | PE | Classe Média    | R\$ 5.000,00  | Superior Incompleto    | 30 | Masculino | s não vive com conjuge |
| 30 | 103128 | 103 | PE | Batalhadores    | R\$ 0,00      | Superior completo      | 30 | Feminino  | s não vive com conjuge |

**Passo 2.** Nas escalas atitudinais, na seção “RELAÇÃO COM O CÔNJUGUE” constam três atributos que buscam produzir uma caracterização da natureza da relação conjugal do entrevistado. São elas: i) instabilidade x estabilidade; ii) violento x comunicativo; iii) tradicional x liberal (esta escala busca captar relações tradicionais de gênero, incluindo, em particular, a divisão sexual do trabalho). A figura 2 apresenta este conjunto na tabela.

Figura 2: itens de escala de interesse para seleção de entrevistas.



| AW                               |                              | AX                           | AY                      | AZ                    | BA |
|----------------------------------|------------------------------|------------------------------|-------------------------|-----------------------|----|
| VISÃO POLÍTICA                   |                              | RELAÇÃO COM CÔNJUGE          |                         |                       |    |
| Intervencionismo x Espontaneísmo | Autoritarismo x Libertarismo | Instabilidade x Estabilidade | Violento x Comunicativo | Tradicional x Liberal |    |
| -2                               | -3                           | NA                           | NA                      | NA                    | NA |
| -2                               | -4                           | 3                            | 3                       | -3                    |    |
| -3                               | 3                            | 4                            | 4                       | 2                     |    |
| -4                               | 4                            | -3                           | 3                       | 3                     |    |
| -2                               | -2                           | -2                           | 2                       | -2                    |    |
| 3                                | -3                           | -4                           | -2                      | 2                     |    |
| 3                                | 2                            | -3                           | 3                       | 4                     |    |
| -3                               | 1                            | -3                           | 3                       | 3                     |    |
| -4                               | 4                            | 1                            | 1                       | 1                     |    |
| -1                               | 1                            | 3                            | 3                       | 3                     |    |
| -4                               | 2                            | 3                            | 3                       | -3                    |    |
| 2                                | -2                           | 3                            | 3                       | -2                    |    |
| 3                                | -2                           | 4                            | 4                       | 2                     |    |
| -4                               | 4                            | 4                            | 4                       | 4                     |    |
| -4                               | 4                            | 4                            | 4                       | 3                     |    |
| -4                               | 2                            | -3                           | 3                       | -3                    |    |
| -4                               | 3                            | -3                           | 1                       | 3                     |    |
| -3                               | -2                           | 1                            | 1                       | 1                     |    |

A partir destas informações, pontuadas numericamente em uma escala de -5 até +5, os pesquisadores podem orientar a sua seleção de acordo com os seus propósitos, abrangendo relações conjugais de forma a contemplar suas hipóteses de trabalho. Alguns exemplos seriam:

- i. Montar um corpus simples, que busque captar as heterogeneidades em todas as quatro dimensões.
- ii. Focar a comparação em dimensões de maior interesse (e.g. relações violentas e comunicativas em diferentes faixas de renda).
- iii. Escolher casos extremos para cada uma das três escalas e também para as faixas de renda (e.g. < 1 S.M. e > 20 S.M.)
- iv. Escolher um caso para cada combinação possível dos quatro atributos (renda, instabilidade, violência, tradicionalismo/patriarcalismo) em três níveis (alta, média, baixa).

A base de dados quantitativa desempenha, portanto, uma importante função de facilitar o acesso à base de dados qualitativos. Como demonstrado, ela pode configurar-se em um importante atalho ou porta de entrada para as falas dos entrevistados, possibilitando, assim, a realização de seleções prévias em função dos temas e hipóteses de pesquisa. Da mesma forma, a base de dados quantitativa também permite ao pesquisador a realização de testes de pré-seleção, produção de

amostragem e cruzamento de dados quantitativos para realização de hipóteses preliminares.

---

## ESTRATÉGIA 2: FILTROS DE SELEÇÃO TEMÁTICA DE ENTREVISTAS A PARTIR DA BUSCA DE PALAVRAS-CHAVE

---

Uma segunda forma de seleção de entrevistas, que pode ser utilizada em combinação com a primeira estratégia acima sugerida, é o recurso à busca de palavras. Esta busca, ainda que disponível em editores de texto, é especialmente poderosa em aplicativos dedicados à análise qualitativa (e.g. Atlas.ti, NVivo, MaxQDA, RQDA) por conta da possibilidade de combinação de caracteres com buscas booleanas, seleção de raízes de palavras e definidores proximidade (e.g. presença da palavra X ou da palavra Y mas não palavra Z dentro do mesmo parágrafo). Tendo em mente o roteiro de entrevista, faz-se possível construir um sistema de buscas que capte o tema de interesse (e.g. “bom aluno+mau aluno”, “maioridade penal”, “jornal+revista+internet+televisão”, “desigualdade+desigual” etc.).

Com este recurso pode-se, por exemplo, selecionar entrevistas em que se observa uma maior densidade discursiva no tema investigado. Assim, imaginando o exemplo da investigação sugerida na Estratégia 1, para além dos filtros de renda e relação conjugal, um conjunto de expressões podem ser utilizadas para tentar selecionar, dentro das entrevistas que se encaixam nos critérios, quais seriam aquelas com maior potencial de abordar os tópicos de interesse, ou, ainda, como filtro adicional em que se busque construir um corpus de entrevistas que abordem certa gama de tópicos específicos. Se o foco principal fosse a distinção entre relações violentas e relações comunicativas, o pesquisador poderia construir uma espécie de campo semântico em que se busque por palavras como “bater”, “apanhar”, “diálogo” etc.

Utilizemos um novo exemplo. Imaginemos que, no âmbito de uma pesquisa maior sobre elites culturais e estilos de vida, resolvêssemos investigar o gosto musical de pessoas com pós-graduação.

**Passo 1:** Criamos três conjuntos de buscas, uma primeira relativa a estilos musicais, uma segunda sobre instrumentos musicais e uma terceira mais geral para termos ligados à música e ao canto. Chegamos às seguintes buscas:

Quadro 4: Léxicos para busca automática do tema “música” nas entrevistas

**Estilos musicais:**

Carimbó | lambada | Sertanejo | sertaneja | Forró | Reggae | Funk | Música clássica | Dance music | Pagode | Rap | Jazz | Mpb | Rock | Gospel | Axé | Country | Bossa Nova | New Age | Brega | Samba | música de louvor | Blues | Hip hop | moda de viola | música eletrônica | música erudita | house music | heavy metal | trash metal | trance | trip hop | soul | black music | música latina | música nacional | música romântica

**Instrumentos musicais:**

Alaúde | Agogô | Afoxé | Atabaque | acordeão | Baixo elétrico | Balalaica | Bandolim | Banjo | Berimbau | bateria | Batá | Bumbo | berrante | bombardino | Cavaquinho | Charango | Cembalo | Cistre | Cítara | Clavicórdio | Contrabaixo | Carrilhão | Castanhola | Caxixi | Chimbalo | Chocalho | Caixa | Caixa | Clarinete | Clarone | Corneta | Celesta | Clavicórdio | Concertina | Dulcimer | Djembê | dulciana | Espineta | escaleta | Fagote | Flauta transversal | Flauta | Flautim | Flugelhorn | Guitarra | Guitolão | Gaita | Gaita-de-fole | Ganzá | Harpa | Kantele | Kora | Koto | Lira | Marimba | Órgão | oboé | ocarina | Piano | Pandeireta | Pandeiro | Pandeirola | pífaro | Rebab | Rabeca | Reco-reco | Saltério | Sanfona | Sangen | Sitar | saxofone | Sino | Tantã | tambor | tamborim | trompa | trompete | trombone | tuba | Ukulele | Viola | Violino | Violoncelo | violão | xilofone | xequeré | zabumba | instrument\* music\* | percussão | instrumento de corda | instrumento de sopro | violonista | baterista | baixista | violinista | flautista | trompetista | percussionista | saxofonista

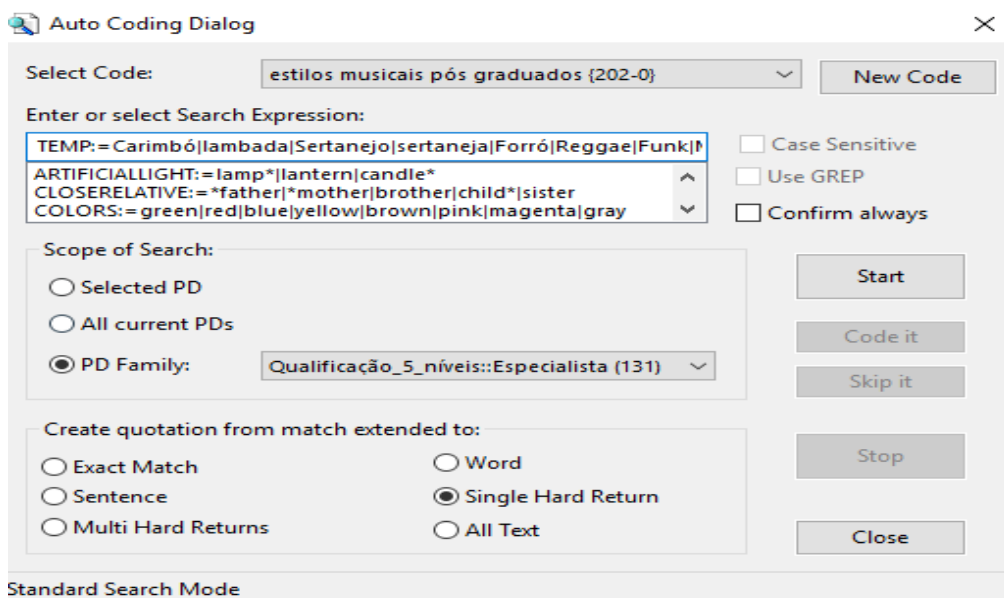
**Música geral:**

Cantor | cantora | banda | cantar | music\* | músic\* | melodi\* | solfej\* | tenor | contralto | soprano |

**Passo 2:** Centrando-se primeiramente no estilo musical, que é o tema que mais se conforma ao roteiro de entrevista (questão “De que tipo de música você gosta?”), fazemos a busca, via Atlas.ti, utilizando a função de autocodificação. Cria-se um nome para o código (e.g. “estilo musical – pós-graduados”). A partir disso, inserem-se os termos de busca, sempre separados pelo caractere “|” e, quando for o caso, utilizando-se do caractere “\*” como “coringa” (assim, se inserirmos music\*

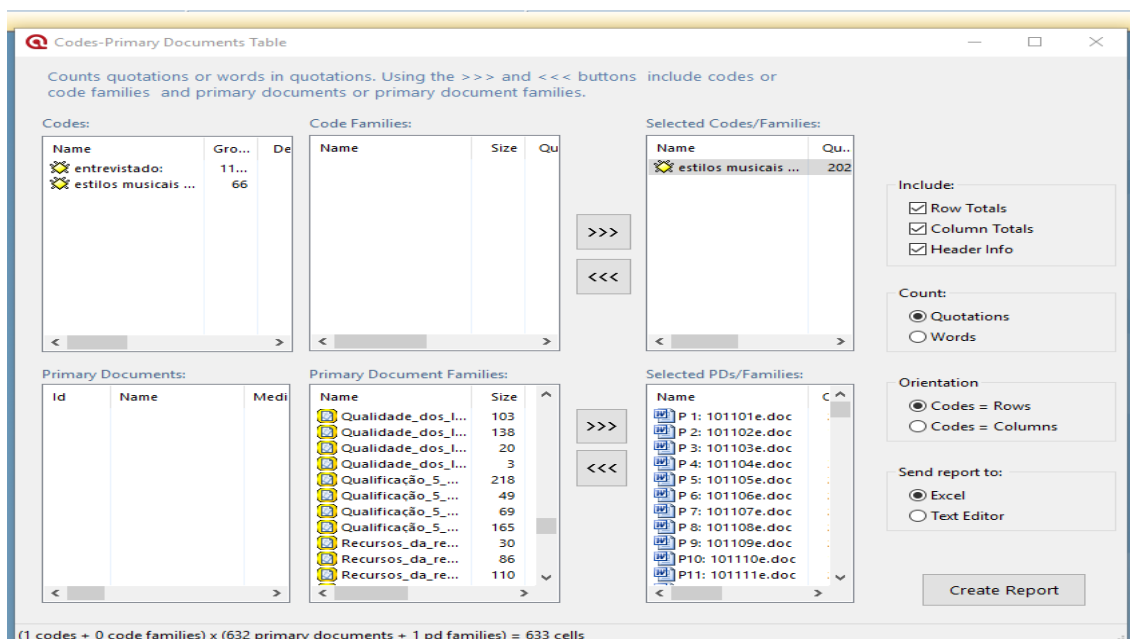
chegamos a “musical”, “musicalidade”; com músic\* temos “música”, “músicos” etc.). Seleccionamos, como escopo da busca, a “PD Family” (que são as categorias fechadas) correspondente e marcamos que a citação a ser criada se refere a um “single hard return” (i.e. parágrafo).

Figura 3: interface gráfica para autocodificação no software Atlas.ti



**Passo 3:** Por meio da função *codes-primary documents table*, seleciona-se o código (estilo musical) e o total das entrevistas, criando-se um relatório simples que indica o número de parágrafos que citam algum estilo musical em cada documento.

Figura 4: Caixa de diálogo para seleção de entrevistas a partir de códigos.



No conjunto de 131 entrevistas com pós-graduados, obtivemos 88 entrevistas que citam algum estilo musical. Algumas entrevistas contêm mais citações que outras, de sorte que temos um total de 202 citações, como mostra a tabela 6.

Tabela 7: Número de citações e entrevistas relacionadas ao tema “gosto musical”

| Parágrafos citados por entrevista | Número de entrevistas | Somatório de Citações |
|-----------------------------------|-----------------------|-----------------------|
| 11                                | 1                     | 11                    |
| 7                                 | 3                     | 21                    |
| 6                                 | 1                     | 6                     |
| 5                                 | 3                     | 15                    |
| 4                                 | 8                     | 32                    |
| 3                                 | 13                    | 39                    |
| 2                                 | 19                    | 38                    |
| 1                                 | 40                    | 40                    |
| <b>Total</b>                      | <b>88</b>             | <b>202</b>            |

A partir desta tabela poderíamos escolher, por exemplo, as 16 entrevistas com quatro ou mais citações. Ou, pensando-se no todo da pesquisa, realizar outras buscas relativas a estilo de vida (esportes, exercícios físicos e cuidados com o corpo, literatura, gastronomia etc.) para criar uma matriz de citações que permita a seleção de casos para cada dimensão de interesse. À medida que ampliamos as buscas e as temáticas, o resultado será uma planilha que relaciona o código de cada



entrevista ao número de citações sobre cada tema. Essa planilha é, em si, uma terceira espécie de dado estruturado (para além do questionário fechado e da escala), marcando a presença ou ausência, por entrevista, de determinado tema.

Uma das vantagens de se trabalhar com um banco de entrevistas tão numeroso é que mesmo situações mais raras e particularmente interessantes, e que em pesquisas qualitativas convencionais (com, por exemplo, 15 entrevistas) podem simplesmente não aparecer no *corpus*. Assim, podemos encontrar relatos de músicos e outros profissionais das artes, bem como de pessoas com gostos musicais menos comuns. Ou, voltando ao exemplo anterior, casos em que relações violentas foram rompidas e novas relações, de tipo comunicativo, foram estabelecidas. A depender do objetivo da pesquisa este tipo de situação pode ser particularmente significativo. Note-se que isso vale tanto para se encontrar casos especiais dentro de um objeto maior, ampliando a heterogeneidade, quanto para a delimitação de um objeto de pesquisa ele mesmo formado por situações raras.

Uma segunda vantagem, e que abre caminho para a terceira estratégia a ser descrita abaixo, é que a busca de palavras pode ser feita de forma a construir, em vez de um relatório de número de citações, um relatório com o conteúdo de cada citação. Isto pode servir como análise exploratória, por meio da qual se constroem as primeiras categorias, ou se testam as primeiras hipóteses elaboradas. É claro, pode-se também inverter a lógica e se realizar a análise centrando-se não nas entrevistas inteiras de casos particularmente interessantes, mas na análise dos trechos relevantes de todas as entrevistas. É o que descrevemos a seguir.

---

### ESTRATÉGIA 3: CONSTRUÇÃO DE *CORPUS* TEXTUAL TEMÁTICO DE PARÁGRAFOS RELEVANTES EM TODAS AS ENTREVISTAS.

---

Foi realizado um trabalho de edição das entrevistas transcritas por trechos estruturais, separando, de forma padronizada, respostas de questionário fechado, anotações do entrevistador, perguntas e respostas. Assim, todas as falas do entrevistado se iniciam com a expressão “Entrevistado:”, e as do entrevistador

“Entrevistador:”, o que permite, com o auxílio do Atlas.ti ou outro programa semelhante, codificar automaticamente todas as falas nessas categorias. De fato, o banco de dados no formato Atlas.ti contém todas as entrevistas transcritas, identificadas com base nas variáveis do questionário fechado e das escalas sociais, e, também, com a codificação dos 115.580 parágrafos correspondentes às falas dos 632 entrevistados.

Como resultado, é possível, com o auxílio de softwares de análise qualitativa, distinguir perguntas e respostas e, assim, realizar a busca de palavras ou expressões apenas na fala do entrevistado (ou, se for o caso, do entrevistador). Talvez mais interessante, é possível, com o auxílio de critérios de busca booleanos, codificar automaticamente todas as falas dos entrevistados em que aparece determinado termo de busca, bem como as falas dos entrevistados que vem logo em seguida (ou seja, como resposta) de determinada fala do entrevistador. Assim, temos não apenas as falas que citam diretamente o tema procurado, mas também as falas que reagem ao tema. No caso da pesquisa sobre música, por exemplo, seria possível agregar todas as falas dos entrevistados imediatamente posteriores a uma questão que cite o termo música, musical etc. É possível, inclusive, selecionar parágrafos anteriores ou posteriores (e *apenas* dos entrevistados se for o caso) de sorte a criar um corpus que inclua um contexto mais amplo.

Com isso, monta-se um *corpus* textual que permite uma aproximação temática ao conjunto completo de entrevistas. O pesquisador mantém abertas suas opções de como tratar este material e mesmo de combiná-lo com outras formas de entrada no material. Acima já citamos a utilização deste recurso para fins de pesquisa exploratória e como critério para a seleção de entrevistas de maior interesse. Em geral, para aqueles que utilizam métodos qualitativos, o próximo passo seria a leitura atenta do material selecionado, a criação de categorias (“códigos”, “nós”) e sua “marcação” no texto, criando, manualmente, citações. Esta criação de categorias enraizadas no *corpus* por meio de citações pode, no caso dos gostos musicais, abarcar desde conceitos mais abstratos (“gosto popular”, “gosto erudito”, “*mid-brow*”) até mais operacionais (música regional, música internacional) ou mesmo dicotômicas (gosta x não gosta, por estilo).

Expandindo um pouco esse procedimento metodológico, vemos que as categorias de codificação do texto criadas manualmente permitem refinar os sentidos dos discursos. Entretanto, certos ganhos analíticos podem ser obtidos pela simples subdivisão da busca (por exemplo, uma busca por cada estilo musical), pela busca de intersecções entre categorias distintas e, também, pela possibilidade de seguir no sentido de uma busca temática mais ampla.

Poderíamos, assim, montar um quadro em que cada estilo musical é uma subdivisão do grande código “estilo musical”, que por sua vez é uma subdivisão do “gosto por música” - sendo que o gosto por música pode incluir também práticas culturais, como ir a shows e concertos, sair para dançar em bailes, festas, “raves”, cantar em rodas de violão, participar de um coral na igreja ou no trabalho, ser “fã” de um artista em particular, comprar músicas em meio físico, assinar um serviço de *streaming* de músicas via internet, tocar um instrumento etc. Claro, o gosto por música pode, por sua vez, ser entendido dentro do grande quadro de estilos de vida, que incluiria ainda outras dimensões abordadas nas entrevistas (literatura, mídia, gastronomia, exercícios físicos, práticas de lazer etc.).

Claramente, para cada item é possível imaginar buscas que nos aproximem de discursos significativos. À medida que ampliamos nossos instrumentos de busca, tanto aumentando o escopo quanto refinando os termos (e.g. uma busca por estilo musical), chegamos, como resultado, a uma planilha que relaciona o código de cada entrevista à incidência de determinado tema (ou ao número de incidências). Esta planilha é, em si, uma terceira espécie de dado estruturado, que se soma ao questionário fechado e à escala.

Se invertermos a lógica, e pensarmos em termos de uma matriz de intersecção entre categorias (matriz esta que pode incluir buscas automáticas, marcações manuais, variáveis socioeconômicas e itens da escala social), chegamos, em uma escala muito maior, a uma das formas mais comuns de sistematização e apresentação de dados qualitativos. A matriz de intersecção, e suas representações por meio de quadros e gráficos, busca revelar como certas temáticas aparecem juntas, revelando uma matriz discursiva, ou estão fortemente relacionadas a determinado grupo social, sendo ausente entre outros.

Note-se que esta estratégia de análise inverte a lógica das entrevistas como casos discretos e compreensíveis apenas dentro do contexto de diálogo como um todo. As entrevistas são entendidas antes como oportunidades de expressão de experiências, representações, cognições, argumentos, julgamentos de valor etc. que são socialmente construídos, e portanto, não “pertencem” ao sujeito que as enuncia mais do que aos ambientes de socialização por meio dos quais este as internalizou como história social subjetivamente incorporada (Bourdieu, 1989). Neste caso, o significado sociológico dos discursos proferidos encontra-se não apenas na articulação subjetiva, durante o contexto da entrevista, entre uma miríade de temáticas que, como um todo, compõe o “caso” daquela pessoa, mas também na expressão, por múltiplos casos-sujeitos, de experiências e/ou representações coletivas. Estas experiências e representações significativas, ao não se encontrarem igualmente distribuídas pelo corpo social, concentrando-se em determinadas classes, grupos de status etc., revelam um mapa desigual de significados e experiências vividas, bem como distintas disposições para ação, nas mais diferentes esferas da vida.

Ocorre que, com a ampliação do número de citações, e com o desenvolvimento relativamente recente de ferramentas robustas de análise textual, abre-se a possibilidade do recurso a técnicas mais sofisticadas de análise de dados, como a análise de correspondência múltipla e a análise lexical contextualizada de segmentos textuais.

A partir daqui podemos fazer uma análise de cada *subcorpus*, focado em todos os trechos das entrevistas – isto é, no caso do subcorpus “estilo musical + pessoas com pós-graduação”, todas as 202 citações, ao invés do todo das 16 entrevistas com maior densidade, e que contém, em seu conjunto, apenas 82 citações. Entretanto, se quisermos expandir a amostra para incluir outros grupos, com o intuito de investigar fatores de distinção das elites escolares no campo musical, ou para incorporar citações mais gerais à música, ao canto, à dança etc., podemos facilmente chegar em um conjunto muito grande de dados. Isto pode gerar dificuldades não apenas de tempo, mas mesmo de apreensão cognitiva da multiplicidade de informações, ainda mais quando se tenta incorporar outros elementos como condição econômica, gênero, origem social etc. Por outro lado,

abre-se a oportunidade para pesquisas com desenhos metodológicos mais robustos. A próxima seção apresenta um método desenvolvido para este tipo de caso, que agrega, com auxílio de um aplicativo desenvolvido pelo Ipea, bases textuais e bases de dados quantitativos.

## 8. CONSTRUÇÃO DE *CORPUS* COMPLEXOS E ANÁLISE HIERÁRQUICA DE LÉXICOS EM CONTEXTO.

---

Rocha (2017) utilizou-se de buscas acerca do tema “trabalho infantil” no banco de entrevistas da Radiografia do Brasil para construir um *corpus* textual de falas significativas. Trabalhando com a hipótese de que as experiências e representações sobre essas experiências de trabalho infantil e juvenil são distintas a partir de duas categorias chave (idade de início no trabalho e quantidade de horas trabalhadas por semana), Rocha construiu um mapa do conteúdo dos discursos dos entrevistados, em que estes se concentravam em grandes clusters ligados à noção de perda e sacrifício, à noção de escola e oportunidades, e à noção de lazer e fruição da infância.

Os passos principais são a construção de um *corpus* temático e a realização de uma análise lexical contextualizada. No caso, expandiremos o exemplo do gosto musical para demonstrar a possibilidade de construir *corpus* complexos, que abarquem diversos temas ou diversos pontos de entrada para um mesmo conceito. Quanto à análise textual, utiliza-se, via o *software* Iramuteq<sup>13</sup> o método Reinert, intitulado “Análise Lexical por Contexto de um Conjunto de Segmentos de Texto” para, por meio de uma classificação hierárquica descendente, organizar os léxicos lematizados em cada contexto/segmento textual. A lematização reduz a palavra ao seu lema, de sorte que adjetivos e substantivos perdem gênero e número, e verbos perdem as conjugações, restringindo o universo de possibilidades de linguagem. Isto torna

---

<sup>13</sup> O Iramuteq é um *software* livre, baseado na plataforma R, e que realiza uma série de análises textuais, incluindo, além do Método Reinert, estatísticas descritivas, nuvens de palavras, dendogramas, e análises fatoriais e de similitude. A Análise Lexical por Contexto de um Conjunto de Segmentos de Texto (ALCESTE, na sigla em francês), dá nome ao primeiro *software* capaz de realizar este tipo de operação (ver Camargo e Justo, 2013).

possível uma representação gráfica, em espaço geométrico, da presença combinada de determinadas expressões, construindo *clusters* de palavras que ocorrem no mesmo contexto. Estes clusters e sua representação espacial podem ser entendidos como formas de visualização de representações coletivas (Durkheim, 1970), mapas de significados (Hall, 1997), matrizes discursivas (Foucault, 2002) ou, na tradição da psicologia social que mais tem se aproximado deste tipo de método, representações sociais (Kalampalikis e Moscovici, 2005)

É possível, ainda, a incorporação de variáveis categóricas advindas do questionário fechado ou das escalas sociais ao contexto, de sorte que lemas se relacionam não apenas com outros lemas, mas com variáveis de maior significação à pesquisa. Estas variáveis podem, inclusive, ser resultado da codificação manual de categorias nos segmentos de texto que compõem o *corpus*, no estilo das matrizes de interseção acima mencionados. Por fim, é possível realizar uma análise fatorial e testes de hipóteses do tipo “qual a probabilidade de, ao acaso, tal lema aparecer com tanta frequência em tal grupo social em detrimento dos demais”? Podem ser utilizados tanto o teste qui-quadrado quanto o teste hipergeométrico, sendo este último mais recomendado por se aproximar mais claramente do modelo de distribuição presumido (binomial, sem substituição).

Voltando ao exemplo do gosto musical, e considerando a possibilidade de construir uma matriz de interseção que nos dê uma aproximação mais refinada do objeto, seria possível trabalhar com os gêneros separadamente, i.e. fazer uma pesquisa para cada gênero, criar códigos manualmente, incluir outros termos mais gerais (“música”) e, também, incluir um grupo distinto (que, no caso, poderiam ser as pessoas de baixa escolaridade) e comparar estes dois *corpus* distintos. Abaixo discutiremos essas possibilidades e apresentaremos os principais procedimentos para realizar este tipo de análise.

**Passo 1:** Em uma pesquisa completa, a classificação automática do texto seria complementada com a criação manual de categorias, de forma a refinar a análise, atribuindo valências (“gosta”, “desgosta”), trabalhando com conceitos mais abstratos (música para sociabilidade com amigos, música para dançar, música como fruição individual, música como fundo sonoro para outras atividades) e eliminar problemas com duplos significados (pensar, por exemplo, no gênero

musical “salsa”, ou na palavra “canto”). Aqui pularemos esta etapa, que envolve a marcação de códigos (ou, na linguagem XML, “tags”) pelo próprio pesquisador, e que é a função mais básica de qualquer programa do tipo, estando presente inclusive em alguns aplicativos de anotações.

De qualquer sorte, o primeiro passo é a mesma codificação automática já realizada anteriormente. Só que, aqui, o que nos interessa não é o fato de termos 88 entrevistas com citações, e sim que temos 220 citações, dispersas, de forma desigual, e com conteúdos obviamente distintos, ao longo de 131 entrevistas com pós-graduados. Além disso, nos interessa ampliar a busca para captar, no mínimo, citações mais gerais ao tema, bem como criar alguma base comparativa para podermos falar sobre a elite cultural (ou, mais propriamente, escolar) tendo um ponto de referência. Assim, ampliamos a busca para incluirmos o código “música” (Cantor|cantora|banda|cantar|music\*|músic\*|melodi\*|dança|dançar), e criamos um segundo corpus, formado por pessoas de baixa escolaridade que nunca chegaram a frequentar o ensino médio. Chegamos ao seguinte resultado:

Tabela 8: Citações a “música” e “estilo musical” por grupo de escolaridade

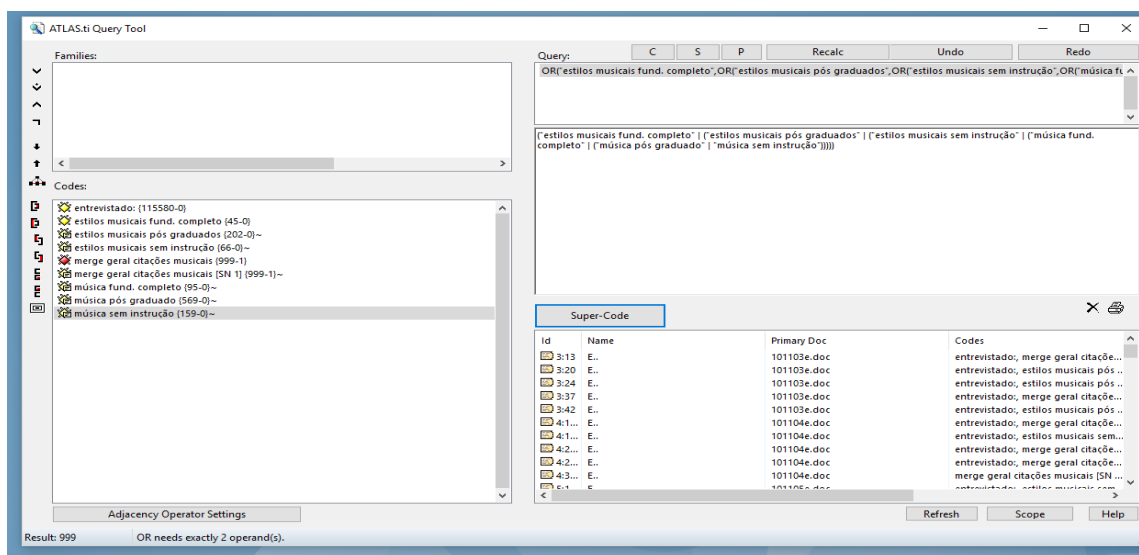
| Escolaridade                  | Total de entrevistas | Citações “música” | Citações “estilos musicais” | Média de citações/entrevista |
|-------------------------------|----------------------|-------------------|-----------------------------|------------------------------|
| <b>Até Ensino Fundamental</b> | 103                  | 254               | 111                         | 3,7                          |
| <b>Pós-Graduado</b>           | 131                  | 569               | 202                         | 5,9                          |

É notório que, na nossa amostra, pessoas de mais alta escolaridade falam mais sobre música que os de baixa escolaridade. Isso, em si, já é um dado interessante. A partir daqui poderíamos simplesmente fazer uma análise de cada *subcorpus*, focando nesses trechos das entrevistas. Mas, no caso, queremos realizar uma análise de léxicos contextualizados, incorporando tanto o discurso das pessoas quanto variáveis relacionadas ao capital cultural na montagem de um mapa de significados sobre gostos musicais.

**Passo 2:** Acima apresentamos uma espécie de tabela de contingência, separando “música” de “estilo musical” e dois grupos de escolaridade bem distintos. Ocorre que, enquanto os grupos de escolaridade são excludentes, muitos parágrafos incluem citações tanto a “música” quanto a “estilo”. De fato, mais de 100 citações se referem aos mesmos segmentos de texto. Além disso, estamos interessados nos entrevistados e não nos entrevistadores, de sorte que temos que excluir as falas destes últimos de nosso corpus. O próximo passo envolve, portanto, agregar todas as citações em um único corpus (a variável escolaridade será reinserida posteriormente) e separar as citações de entrevistados de entrevistadores, e no segundo caso, substituir as citações pelo parágrafo seguinte (i.e. pela resposta do entrevistado).

Primeiro temos que agregar as citações, que se faz utilizando a ferramenta “query tool” e combinando todos os códigos de interesse via o operador booleano OR. Esta junção cria uma lista de citações que deve ser salva como um “supercódigo”, e, posteriormente, transformada em código por meio da função “snapshot”<sup>14</sup>

Figura 5: Caixa de diálogo para agregação booleana de citações



Em seguida, por meio da função AND, escolheremos, dentre estas, aquelas que se referem à fala do entrevistado. A partir disso, usamos a função EXCLUSIVE

<sup>14</sup> Outros programas utilizam ferramentas ligeiramente diferentes para realizar as mesmas operações. Recomenda-se a consulta aos manuais para tirar dúvidas mais pontuais. Aqui o objetivo é apenas apresentar, de forma didática, a lógica de construção de um *corpus* textual temático.



OR para selecionar apenas as falas dos entrevistadores, e, em seguida, FOLLOWS (distância = 1) para selecionar a fala do entrevistado imediatamente posterior à fala significativa do entrevistador. Chegamos, no final, a um código contendo 789 citações significativas, excluindo a fala dos entrevistadores, e incluindo respostas a falas significativas dos entrevistadores.

**Passo 3:** O terceiro passo envolve a edição do *corpus* criado para ser lido pelo software *iramuteq*, incluindo, no processo, um cabeçalho para cada citação que contenha as variáveis do banco de dados quantitativo.

Primeiramente é preciso extrair um relatório do código (*output*) via Atlas.ti, contendo todas as 789 citações, cada uma com um cabeçalho que indica a qual entrevista ela se relaciona. Este relatório ser salvo em formato de texto. A partir disso, editamos a planilha de dados da Radiografia do Brasil, selecionando apenas as variáveis de interesse, criando variáveis derivadas etc., e – isto é fundamental – editando a primeira coluna para que ela contenha o nome (sem extensão) do arquivo de texto (entrevista) a qual ela se relaciona. No caso, o nome de cada arquivo de texto é simplesmente o código do arquivo + a letra “e” (de “editado”), de sorte que precisamos apenas incluir a letra e ao final da primeira coluna, que já contém o código identificador das entrevistas. A nova planilha deve ser salva sem espaços entre as palavras (assim, por exemplo, baixa escolaridade deve virar “baixa\_escolaridade”), no formato CSV.

**Passo 4:** A etapa decisiva é a incorporação das variáveis ao cabeçalho de cada citação, de sorte que o software *Iramuteq* possa “ler” e relacionar os textos e as variáveis categóricas. O manual do *Iramuteq* explica um passo a passo para editarmos o cabeçalho manualmente, mas, com tantas variáveis e tantas citações, isto demandaria dias de trabalho e seria passível de erros de digitação. Por isso, o Ipea desenvolveu, na Diretoria de Estudos das Instituições do Estado e da Democracia, um aplicativo simples, em linguagem *Python*, que permite combinar um arquivo de texto e uma planilha para gerar o tipo de arquivo que buscamos. O aplicativo acompanha a base de dados da Radiografia do Brasil.

Uma vez descompactado o aplicativo “atlas\_to\_iramuteq” no diretório de preferência do usuário, deve-se abrir o prompt de comando e digitar algumas linhas de código simples. Em suma, as etapas necessárias são:

1. Criar um relatório de citações no Atlas.ti.
2. Criar uma planilha em CSV, com o nome do arquivo que corresponde à cada entrevista na primeira coluna e variáveis nas demais colunas.
3. Instalar o Python 2.7.
4. Descompactar o aplicativo (script) atlas\_to\_iramuteq em alguma pasta.
5. Abrir o prompt de comando e rodar o script, com a seguinte ordem:
  - a. Entrar na pasta onde está o script
  - b. Digitar a programação *python convert\_file.py* + endereço do arquivo de texto + endereço da tabela em csv

Exemplo:

Dado que o aplicativo se encontra na pasta

➤ *C:\Users\r1542895\Documents\Atlas.ti\atlas\_to\_iramuteq*

Que o endereço do arquivo de texto é

➤ *C:/Users/r1542895/Documents/Atlas.ti/gostomusical.txt*

E que o endereço da planilha CSV é

➤ *C:/Users/r1542895/Documents/Atlas.ti/csvgostomusical.csv*

Então deve se digitar as duas linhas de código seguintes:

1. Entrar na pasta do aplicativo:

```
cd C:\Users\r1542895\Documents\Atlas.ti\atlas_to_iramuteq
```

2. Rodar o script:

```
python convert_file.py C:/Users/r1542895/Documents/Atlas.ti/  
gostomusical.txt C:/Users/r1542895/Documents/Atlas.ti/csvgostomusical.csv
```

**Passo 5:** O arquivo criado terá como nome “result.txt”. Vamos trocar o nome para resultgostomusical.txt, apenas para fim de organização. Em seguida, o documento deve ser aberto no software Open Office ou Libre Office (não usar Microsoft Word!), ou, alternativamente, no bloco de notas, salvando em formato TXT, UTF-8, LF. O arquivo pode ser editado para retirar alguns caracteres como aspas, cifrão, porcentagem e reticências. Recomenda-se fortemente que nesta etapa se delete o início dos parágrafos, que é “Entrevistado: “, de sorte que esta palavra não crie uma unidade artificial entre as falas. Para detalhes destas operações, pode-se consultar o tutorial do Iramuteq em português, disponível em <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>.

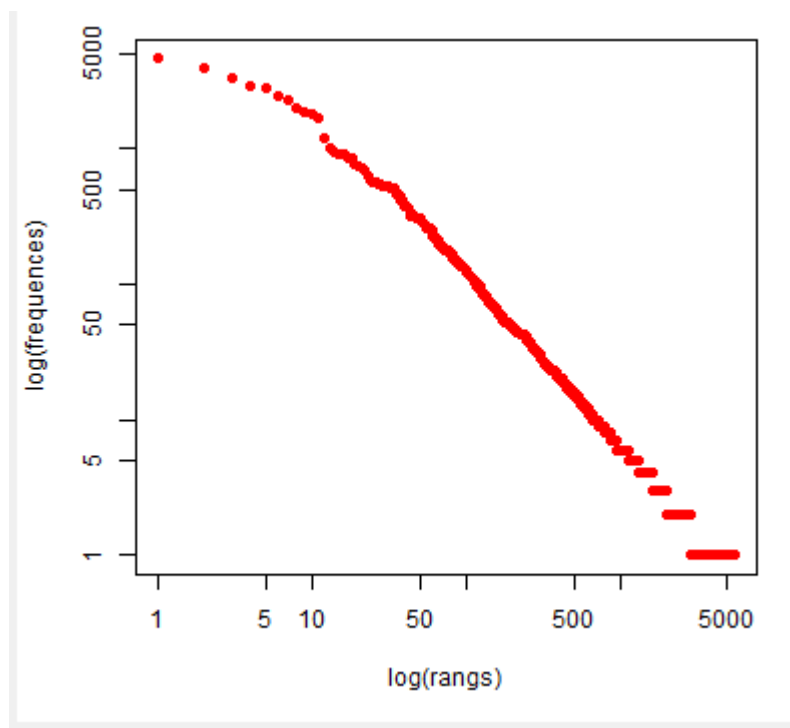
Este arquivo editado em formato UTF-8 e contendo as variáveis no cabeçalho de cada fala é, então, aberto no Iramuteq. Este software livre requer a instalação do R e do Python. Na caixa de diálogo, as opções mais importantes a serem marcadas é o formato do texto (UTF-8) e o idioma/dicionário a ser utilizado (português). Com isso, criamos o corpus textual e estamos prontos para realizar a análise.

**Passo 6:** Há muitas formas de realizar a análise deste material, e nos centraremos aqui em três possibilidades: estatísticas descritivas, análise fatorial e análise contextualizada (método Reinert). Todas são acessadas por botões na tela principal do programa.

Quanto às estatísticas descritivas, foram identificadas 90.013 ocorrências em 788 textos (parágrafos), dando uma média 114 ocorrências por texto. As mais de 90 mil ocorrências correspondem a 5.534 formas (lemas) distintos, dos quais 2.614 são hápax (únicas). As hápax correspondem, portanto, a 47,24% das formas, mas apenas 2,9% das ocorrências. O gráfico 1 representa a relação entre total de ocorrências e frequência das formas, mostrando que uma forma específica aparece

quase 5 mil vezes, enquanto um número significativo de formas aparecem apenas uma vez.

Gráfico 1: número de formas lexicais presentes no *corpus* por frequência.



Abas adicionais nos permitem ver as formas mais frequentes, distinguindo entre formas ativas e formas suplementares. Esta separação é definida pelo usuário, e geralmente se incluem nomes, verbos e adjetivos entre formas ativas. A distinção ativa-suplementar é análoga àquela utilizada em análise de correspondência. As formas suplementares mais comuns neste corpus foram “de”, “eu” e “que”, o que revela mais sobre a natureza dos textos (contexto de entrevista semi-estruturada, fala dos entrevistados) do que sobre seu conteúdo. Já entre as formas ativas, as principais são “não” e “muito”. Isto sugere fortemente que uma análise mais detalhada envolveria criarmos categorias manualmente para separarmos, por exemplo, quem diz “gosto de samba” de quem diz “gosto MUITO de samba” e “NÃO gosto de samba”. Da forma como está, nossa interpretação está sujeita a algumas limitações.

Não obstante, a análise das especificidades do texto identificou, como era de se esperar, que o universo lexical de pessoas de baixa escolaridade é claramente distinto do de pessoas de alta escolaridade quando o assunto é música. O primeiro

gráfico a seguir apresenta um conjunto de palavras correlacionadas com a alta escolaridade (e, por consequência, dado que nosso corpus só contém dois grupos de escolaridade, com alta correlação negativa para com os de baixa escolaridade).

Para além de artistas (Chico, Caetano, Gil, Stones, Beatles) e gêneros (samba, metal, bossa, rock, blues, jazz), também se observa que a música se relaciona, neste grupo, a algumas práticas culturais particulares (faculdade, teatro, conservatório, literatura, coral, ensaiar). Comparativamente, entre os de baixa escolaridade, tanto os artistas (Pablo, Zezé) quanto os gêneros (axé, forró, pagode, sertanejo, romântico, gospel, rap, brega) e as práticas culturais (louvor, dançar, baile, cerveja, “arrumar marido”, rezar, casar, televisão, domingo, feira) são claramente distintos, apontando para universos simbólicos e estilos de vida bastante apartados.

Os gráficos 2 e 3 apresentam palavras cuja frequência relativa é significativamente maior entre os pós-graduados e os de baixa escolaridade, respectivamente. Os valores referem-se ao teste hipergeométrico, que corresponde aos valores de um teste exato de Fisher para tabelas de contingência 2x2.

Gráfico 2: Palavras significativamente mais citadas por pessoas com pós-graduação

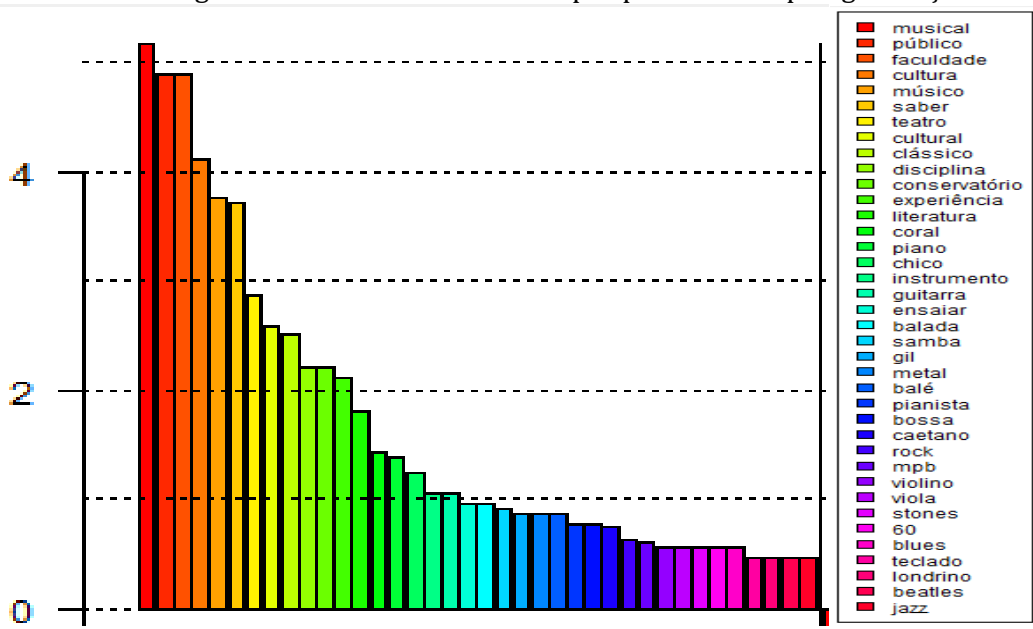
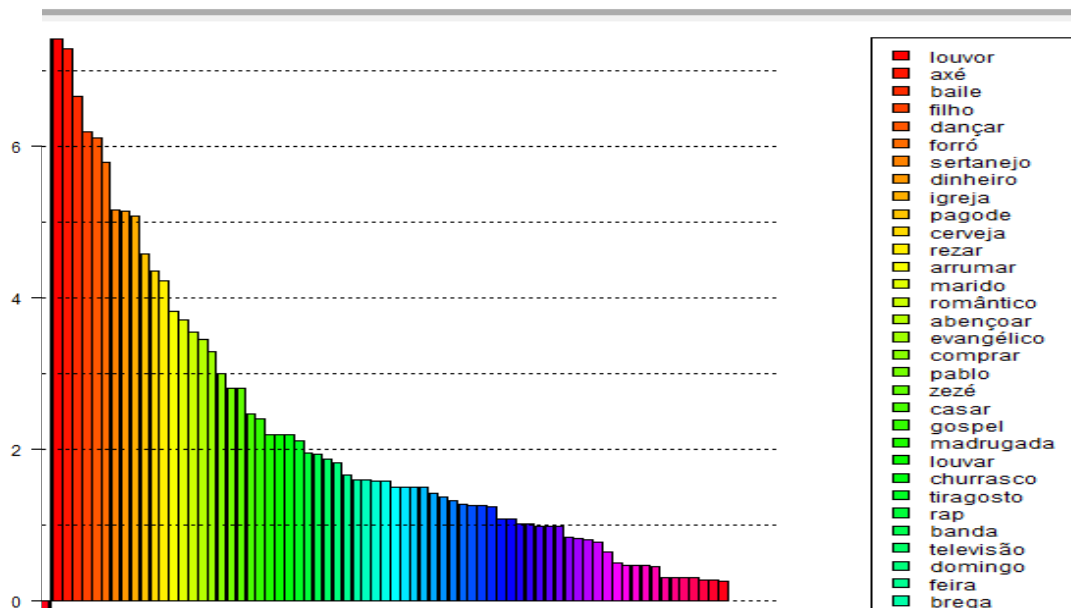
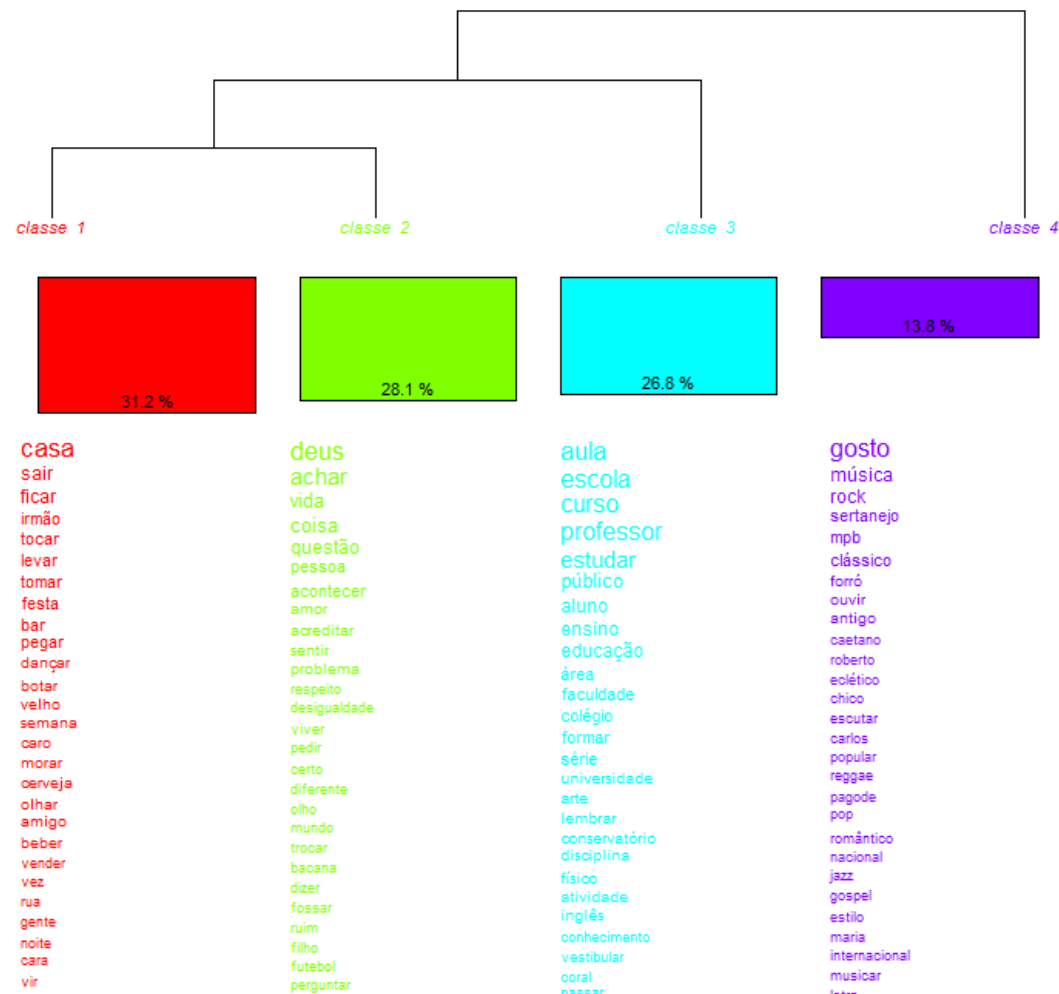


Gráfico 3: Palavras significativamente mais citadas por pessoas que não frequentaram o ensino médio



Por sua vez, o método Reinert, que cria uma classificação hierárquica dos segmentos de texto e agrupa as palavras cujo contexto discursivo é próximo, identificou quatro classes de discurso. A primeira separação do dendograma identificou, de um lado, falas específicas sobre gosto musical, que se referem diretamente gêneros e artistas, de todas as outras falas. A segunda separação distinguiu, dentre as demais falas, aquelas cuja referência estavam ligadas ao mundo escolar: aqui entram discursos sobre a relação entre a música e a vida na escola, em particular a vida universitária, além de referências mais “eruditas” à música (“arte”, “conservatório”, “disciplina”). A última separação distingue as falas relativas a fruição e prazer (sair, ficar, tocar, tomar, festa, bar, dançar, cerveja, amigo, beber etc.) das demais, que são de menos fácil interpretação, mas que tendem a se ligar às esferas da moral e da religião (Deus, problema, respeito, sentir, acreditar, relacionamento).

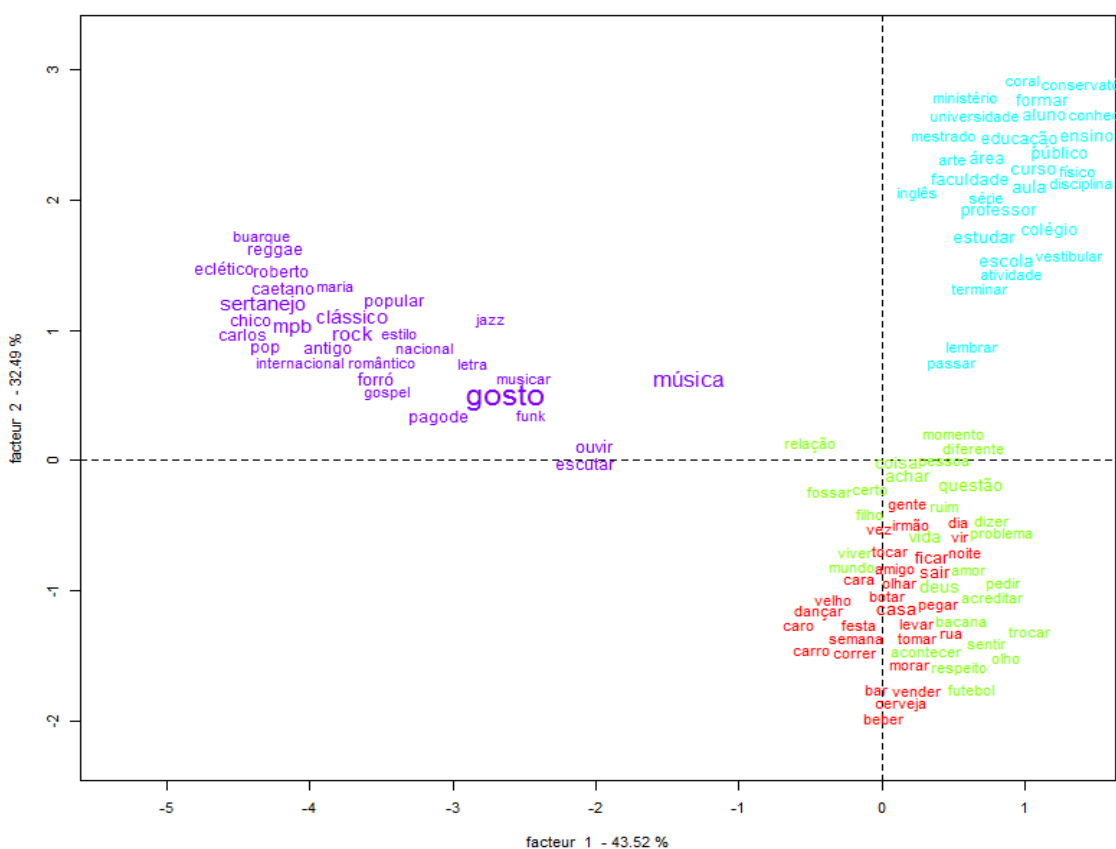
Gráfico 4: Dendograma com classes de discurso sobre música



Além deste dendograma, é possível criar um espaço bidimensional em que as palavras ou as variáveis são dispostas no plano tal qual uma análise de correspondência (gráfico 5). Este plano revela que a principal dimensão ou fator distingue as falas acerca de gêneros musicais e artistas das demais. É provável que uma análise mais criteriosa auxiliasse a compreender esta diferença entre os estilos e a dispersá-los no espaço cartesiano. De fato, uma leitura exploratória dos discursos sobre o funk, por exemplo, mostram uma clara distância entre falas acerca do gênero como um estilo musical valorado positivamente e ligado à diversão em festas, típico de classes populares, de um discurso de tipo metonímico, que vê o gênero como representação de sensualidade vulgar e decadência cultural, típico da elite. Não obstante, o gráfico deixa claro que dentro desta matriz discursiva, gostos mais “cultos” (Caetano, Buarque, Clássico, MPB) tendem a ficar um pouco mais ao alto que gostos populares (pagode, funk, forró, gospel, romântico).

Isso se dá porque, enquanto o eixo x separa basicamente discursos sobre gêneros e artistas dos demais discursos, o eixo y é fortemente relacionado com o capital cultural e a classe social de forma geral. Esta segunda dimensão separa as falas escolares, que ficam bem distintas das demais no canto superior direito. Significativamente, as posições mais ao alto ocupadas pelas palavras “coral” e “conservatório”. Por sua vez, as posições mais abaixo no plano são ocupadas pelas palavras “beber”, “cerveja”, “bar”, “vender” e “futebol”.

Gráfico 5: Representação gráfica das classes de discurso em plano bidimensional.



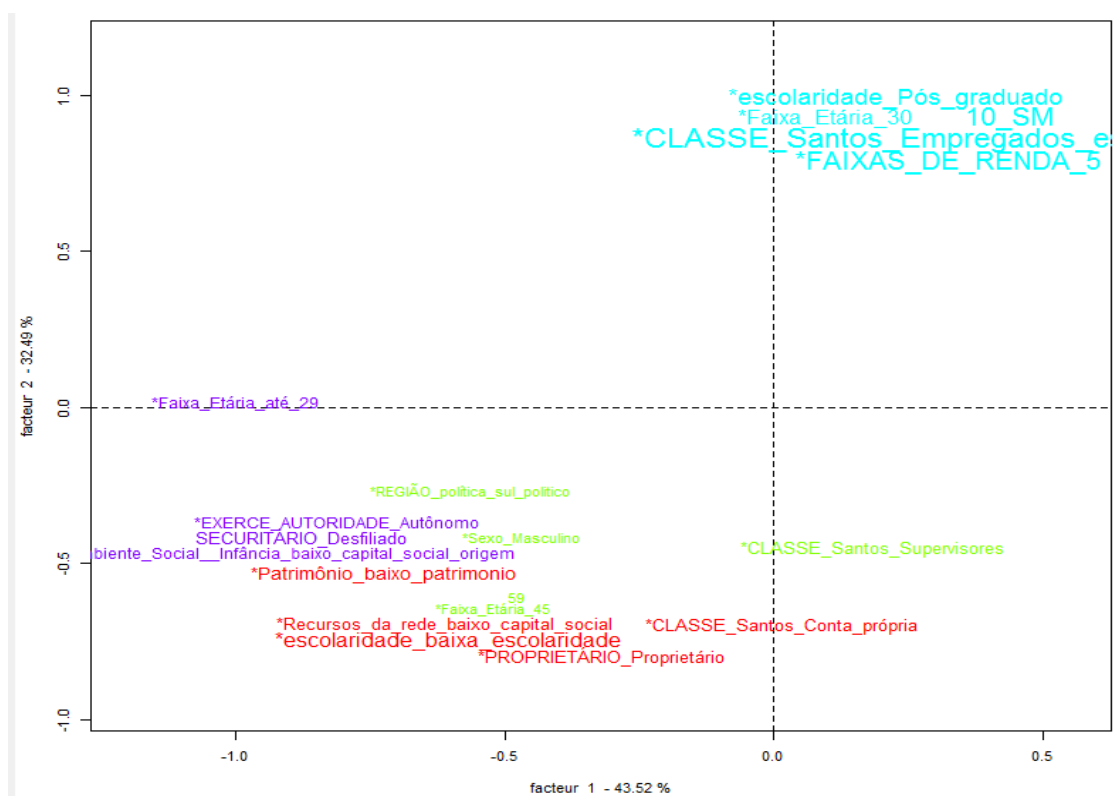
Note-se que as duas dimensões fatoriais representadas no plano captam 76% da variância total. Ainda assim, os discursos sobre música como objeto hedônico e como objeto moral não se distinguem claramente, revelando certa dualidade na relação com a música entre classes populares que é, provavelmente, ligada à esfera religiosa.

Mas como podemos afirmar que estas classes de discurso guardam, de fato, relação com as classes sociais e, em particular, o capital cultural? É aqui que a incorporação das variáveis categóricas ao *corpus* textual mostram o seu potencial.



É possível especializar as variáveis no mesmo plano construído a partir dos segmentos de fala, o que resulta num gráfico mais parecido com a análise de correspondência clássica. O que se mostra neste gráfico (gráfico 6) é a posição média de determinada categoria (e.g. jovens, homens, pessoas de alta renda) no espaço criado *pelos discursos*.

Gráfico 6: Representação gráfica das características sociais do emissor dos discursos, por classe de discurso, em plano bidimensional



Este último gráfico fortalece ainda mais a nossa hipótese de que o capital cultural opera distinções importantes no campo dos gostos, o fato de que a metade de baixo do gráfico concentra pessoas de baixa escolaridade, patrimônio e capital social de origem, enquanto o quadrante acima e à direita concentra empregados especializados, pós-graduados e de mais alta renda. Mais à esquerda (próximos, portanto, do discurso sobre artistas e gêneros musicais) estão os jovens, e, mais abaixo, os autônomos. Já os supervisores, os homens e as pessoas entre 45 e 59 aproximam-se, por sua vez, do discurso moral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

---

A principal frente de atuação da Radiografia do Brasil é, obviamente, a produção de resultados de pesquisa empírica. Durante o ano de 2017 planeja-se lançar uma dezena de textos para discussão baseados neste estudo e, após edição e discussão entre os autores, este material deverá ser compilado em formato de livro. Dado o potencial de novos estudos que incorporem a metodologia apresentada na seção anterior, é provável que este conjunto de estudos se amplie, e que a Radiografia do Brasil sirva como material para pesquisas inovadoras por alguns anos. Em particular, a possibilidade de aplicar o método de análise combinada de dados textuais e variáveis fechadas para as mais diversas esferas da vida social, econômica e política – relações de trabalho, concepções de justiça, pobreza e desigualdade, relações raciais e de gênero, tipos de socialização familiar, trajetória escolar, capital social e cultura cívica, práticas culturais, cultura econômica e práticas de poupança e endividamento, experiências com a burocracia de nível de rua, repertórios morais sobre temas candentes como religiosidade e drogas etc. – apontam nessa direção, bem como na possibilidade de uma análise-síntese das disposições e condições de classe social no Brasil.

Os resultados analíticos obtidos até o momento apontam que a pesquisa poderá contribuir para o aprimoramento e planejamento de políticas públicas. De fato, este cuidado animou desde o início a construção do aparato conceitual e metodológico. Nesse sentido, apurou-se a maneira pela qual algumas políticas públicas atuam concretamente na vida de alguns entrevistados, assim como de que modo influenciam suas expectativas. Por outro lado, a conexão entre atuação estatal e impacto em seu público alvo não deve ser menosprezada, pois não raramente uma política pública é arquitetada tendo em vista uma noção prévia do público a ser atendido, o que pode gerar turbulências concretas no que tange à eficiência de um programa. Assim, muitos estudos revelam como, a partir de uma melhor compreensão das condições e expectativas de vida dos cidadãos, determinados desenhos de política mereciam ser reavaliados. Isso posto, a investigação ambicionou contribuir uma inteligência institucional que pudesse contrastar com a aplicação cega e desorientada de políticas públicas. Para tanto, foi

preciso adentrar não apenas a vocação oficial de Estado aliada a um programa, mas entender a bagagem social anterior, ou seja, o passado social do público beneficiário e potencial, bem como quais seus limites e capacidades.

## REFERÊNCIAS

---

Bauer, Martin W., and George Gaskell, eds. *Qualitative researching with text, image and sound: A practical handbook for social research*. Sage, 2000.

Bourdieu, Pierre. "Espace social et genèse des classes." *Actes de la recherche en sciences sociales* 52.1 (1984): 3-14.

Bourdieu, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Edusp, 2007.

Bourdieu, Pierre. "Le mort saisit le vif. As relações entre a história reificada e a história incorporada." *O poder simbólico* 5 (1989).

Camargo, Brigido Vizeu, and Ana Maria Justo. "IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais." *Temas em Psicologia* 21.2 (2013): 513-518.

Durkheim, Émile. "Representações individuais e representações coletivas." *Sociologia e filosofia* 2 (1970): 9-43.

Elias, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Zahar, 2000.

Foucault, Michel. "A Arqueologia do Saber, 7ª." Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária (2002).

Geertz, Clifford. "Thick description: Toward an interpretive theory of culture." *Readings in the philosophy of social science* (1994): 213-231.

Guest, Greg, Arwen Bunce, and Laura Johnson. "How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability." *Field methods* 18.1 (2006): 59-82.

Hall, Stuart. *Representation: Cultural representations and signifying practices*. Vol. 2. Sage, 1997.

IPEA. *Radiografia do Brasil – Agenda da Presidência*. Mimeo. Setembro de 2015.

\_\_\_\_\_. *Radiografia do Brasil Contemporâneo – relatório parcial*. Mimeo. Ipea, 2016.

Le Roux, Brigitte, and Henry Rouanet. "Multiple Correspondence Analysis (Series: Quantitative Applications in the Social Sciences, 163)." (2010).

Kalampalikis, Nikos, and Serge Moscovici. "Une approche pragmatique de l'analyse Alceste." *Les cahiers internationaux de psychologie sociale* 2 (2005): 15-24.

Mason, Mark. "Sample size and saturation in PhD studies using qualitative interviews." *Forum qualitative Sozialforschung/Forum: qualitative social research*. Vol. 11. No. 3. 2010.

Rehbein, Boike. *Classes and Milieus in Contemporary Brazil*. BID Report, March 2016

Rocha, Emerson Ferreira. "Três Padrões de Trabalho Juvenil: um estudo com metodologia mista sobre o trabalho em idades inferiores aos 18 anos no Brasil." Texto para Discussão 2295. Ipea, 2017.

Santos, José Alcides Figueiredo. "Uma classificação socioeconômica para o Brasil." Revista brasileira de ciências sociais 20.58 (2005): 27-45.

Souza, Jessé. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?. Editora ufmg, 2012.

Small, Mario Luis. "How many cases do I need? On science and the logic of case selection in field-based research." Ethnography 10.1 (2009): 5-38.

## **Missão do Ipea**

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.

**ipea** Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DO  
**PLANEJAMENTO,  
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO**

